

Director Honorário: M. CAMPOS HENRIQUES  
Director: ANTÓNIO BAPTISTA  
Administrador: MANUEL FARIA  
Redactor: JOAQUIM RODRIGUES

---

**25 ANOS**

**1945 — 1970**

# Saudação

*Após um quarto de século de labor probo, A TEBE vai viver, com justificada alegria, as suas bodas de prata e aproveita o ensejo para saudar efusivamente os seus amigos, prezados clientes, fornecedores, imprensa e todos que, de qualquer modo, com ela têm colaborado.*

*O Boletim Social da Tebe, órgão do Centro Cultural da grande organização, saiu do olvido e quis, à sua maneira, colaborar também na data festiva das bodas de prata da Tebe.*

*Ei-lo, portanto, vestido de gala, amparado com o estímulo de alguns, honrado com a colaboração de outros e certo que vai alegrar muitos e muitos amigos leitores que, de há muito e sempre, o estimaram, acarinharam e difundiram.*

*O Boletim Social da Tebe, na sua modéstia, é um órgão cultural com possíveis limitações, e foi criado com o único fim de levar a casa de cada operário um pouco de convívio espiritual e cultural e, ao mesmo tempo, dar-lhe conforto e carinho moral.*

*Nesta data festiva saudamos todos os leitores amigos e, em particular, a imprensa local, que sempre soube compreender-nos, acarinhar-nos, mostrando inteira compreensão pelo critério que preside ao nosso jornal.*

**PARA TODOS AS NOSSAS MELHORES SAUDAÇÕES**



# Em Bodas de Prata... convém não esquecer que «Nem só de Pão vive o Homem»

Por A. Rocha Martins

NINGUÉM se scandalizará, certamente, se afirmarmos que uma das *dominantes do mundo de hoje* é o sentido materialista da vida. A procura do pão de cada dia, os receios do futuro, a invalidez e a doença, são motivos fortes para que o homem pense e muito a sério no trabalho rentável e viva obcecado pelo labor quotidiano. O condicionalismo social em que se movimentam os homens, as estruturas que os orientam, os conceitos que dinamizam a sua actividade, estando ultrapassados e nimamente avelhentados, determinam que ele — que foi criado para as Alturas — viva acorrentado ao presente-imediato, ao temporal, ao que humanamente é vital para a família: o dinheiro que se converterá em pão. Nem se condene o homem, por isso. Se algo se quiser desabafar... ataquem-se as estruturas sociais, as ambições desmedidas, os despotismos iníquos os desprezos que se cometem contra a liberdade e os sagrados direitos da Pessoa. Que o homem viva atormentado pela necessidade de se defender neste mundo de materialidades e ambições, e, tantas vezes — porque *lhe não permitiram instrução, cultura e formação* — esqueça deveres mais altos, aspirações mais sublimes, anseios de Eternidade, *ninguém* justamente poderá incriminá-lo, censurando-lhe o agir assim. Só o poderia fazer quem tudo tivesse dado para o tornar melhor, mais humano, mais espiritualista e cristão.

A Doutrina social da Igreja, altamente preconizada através de Encíclicas magistrais, e, designadamente proclamada no Concílio Vaticano II, esplende luminosamente e marca *orientação segura* quanto ao trabalho e sua dignidade, quanto às relações entre Patrões e Operários, quanto aos deveres do Homem para com Deus e para com o seu Próximo, cominando abusos, incompreensões, infidelidades, tiranias e extorsões. Precisamos de acentuar bem que no mundo em que vivemos temos de acreditar que *somos homens e que devemos viver como homens*, no respeito e entre-ajuda mútuos. A dignidade, o carácter, a fidelidade, são valores inestimáveis e *subjacentes à construção dum mundo melhor...*

Na festa gloriosa das Bodas de Prata da grandiosa empresa «TEBE», nome aureolado na indústria nacional, com luminosa projecção internacional, fica bem, aqui, uma palavra de muito louvor por *tudo* quanto se fez para o progresso material, social e espiritual, formulando-se um voto sincero de que o futuro se abra em maior esplendor ainda, acertando-se valores materiais em ordem a um maior surto moral e social, no sentido de que o homem possa considerar-se *mais Pessoa* do que *máquina que nunca deve ser*. Louvam-se todos os esforços já realizados, o desejo veemente que esteve

sempre na alma dos que orientam para que se tornasse realidade consoladora o bem estar de quantos trabalham para maior grandeza da TEBE, e roga-se a Deus que *as vontades se encontrem* — dos que orientam, e dos que materializam a obra em constantes realizações — na *compreensão e no amor*, para que, na verdade, o trabalho de TODOS seja mais belo e mais esplendoroso, e TODOS possam sentir melhor o aviso de Cristo: «nem só de pão vive o homem». Criem-se condições sociais e morais para que todos os que *trabalhamos*



constantemente, possamos pensar no destino eterno que Deus inseriu em nossa alma, e que um permanente apelo para as Alturas nos incite a levantar os olhos e o pensamento para o Absoluto — única razão do nosso existir e de todo o nosso agir.

Nas Bodas de Prata da TEBE, evocando cordialmente quantos trabalharam e já tombaram no Caminho da vida em ordem à VIDA, felicitamos fraternalmente quantos trabalha *ainda* pela grandeza e projecção da TEBE, marcando a letras de ouro o nome de MÁRIO CAMPOS HENRIQUES!

Que Deus abençoe os que lutam pelo bem estar de quantos dignamente trabalham ao serviço da Humanidade!

# A TEBE NA CULTURA E NA ARTE

**N**ÃO era intenção minha escrever algumas considerações sobre cultura e arte dentro da TEBE, porque pessoas mais categorizadas labutam na mesma empresa, podendo-o fazer com mais e melhor expansão. No entanto, não fujo aos anseios deste boletim e seu director, procurando dizer alguma coisa sobre o assunto.

Primeiramente dedicar-me-ei a falar daquela arte sublime que é a música, melhor dizendo, a combinação de sons harmoniosos que alegam os espíritos e polulam no sentimento de cada homem, quer no cantar das avezinhas, no rugir dos ventos, quer nas gravações estereofónicas hoje muito em voga, especialmente em música Pop.

Porém, uma arte excelente deve ser divulgada. Assim se entendeu em tempos com o Orfeão da Tebe. Quasi meia centena de operários formaram um conjunto que com agrado se exhibiu amiúde perante milhares de pessoas, merecendo os justos aplausos pela transmissão fiel de trechos compostos pelos melhores autores do passado e do presente.

Ficava realmente bem o Orfeão dentro da Empresa Têxtil onde se encontravam todas os requisitos necessários para o desempenho cabal da missão, mas, afinal de contas, caiu na inactividade.

Por incumbência do Director da Empresa, Sr. Mário de Campos Henriques, — que posso afirmar —, é um verdadeiro apaixonado pela música, muito especialmente pela orfeónica, porque ainda hoje e constantemente fala na reorganização do Orfeão na Tebe, eu fui encarregado de proceder, há anos atrás, a essa reorganização.

Com mágoa o digo que fiquei deveras surpreendido quando feito o pedido a todos os operários, no primeiro dia de encontro, apenas uma dezena deles disse presente.

É lamentável que na mesma Empresa, onde diariamente trabalham mais de mil e quinhentos operários, não houvesse, pelo menos, meia centena capaz de ter gosto pela música, tão cheia de sentimentalismo.

A quem deitar a culpa desta indiferença e desta falta de gosto na classe operária? á falta de tempo!?. Não! Apenas e muito simplesmente ao apego à vida mundana, aos jogos ilícitos, aos locais de discussão e muito sobretudo à falta de preparação cultural nas escolas e até mesmo nas famílias. Não é, pode afirmar-se, que alguns minutos que se percam entra-trabalho, seja a

causa de uma ausência para uma organização que de algum modo lhes proporcionaria uma vida sã, deslocações excelentes a terras que certamente nunca as visitarão, mas além de tudo, aos aplausos, que, nada valendo, são um incentivo para continuar.

Falando ainda na arte, tivemos a secção teatral. Também essa se extinguiu, onde apenas trabalhavam meia dúzia de pessoas.

Deram-se espectáculos excelentes, interpretando peças dos melhores autores, com uma perfeição que alguns profissionais não conseguiriam fazer melhor.

As sessões cinematográficas fizeram também parte das organizações do Clube Desportivo da Tebe, exibindo-se os melhores filmes da época, para o que foi adquirida uma moderna máquina de projecção. Porém, o cancelamento do Clube foi também o bastante para que estas actividades atinxissem o seu fim.

Na fase cultural estava o Boletim Social.

Limitado agora e apenas a uma publicação anual, não cumpre devidamente a necessidade da sua edição.

O operário e o dirigente necessitam de ensinamentos constantes, de uma preparação cultural que os tornem actualizados. Parte desses ensinamentos surgem nas publicações do Estado, nos jornais e nas revistas diárias, quer sejam nacionais ou estrangeiras. Nestas publicações abordam-se problemas sociais e técnicos que devem chegar ao conhecimento de cada um.

~~~~~

## PENSAMENTOS

### AMOR

O amor é uma gota celeste, que os deuses deitaram no cálice da vida para lhe corrigirem o amargor — Rochester.

♦

O amor é um som que reclama um eco — Júlio Dinis.

♦

A dor e o amor são as lanternas encantadas que iluminam a vida — Júlio Brândão.

♦

Toda a alegria vem do amor, e todo o amor inclui o sofrimento — Guerra Junqueiro.

♦

Quem amou nunca esqueceu, quem esqueu nunca amou — António Feijó.

Como será possível levar-se esses conhecimentos? Nada mais excelente que uma transcrição dos artigos de interesse moral, social e técnico, no Boletim Social, distribuindo mensalmente.

A base da sua publicação seria exclusivamente a mensagem destes princípios, ao mesmo tempo que seriam incluídos artigos de formação cultural e instrutiva para uma conduta cívica capaz com o decorrer do século.

O homem precisa de conhecimentos actualizados e creio que só assim seria possível adquiri-los.

Um operário não compra diariamente os jornais nem tão-pouco lê revistas técnicas. Pois estas são extraordinariamente necessárias à função que exercem nas empresas para uma eficaz colaboração.

Quando um dia as empresas proporcionarem aos operários publicações com dados culturais e técnicos, o trabalho deixará de lhes ser pesado, para ser um motivo de interesse, de perfeição e de uma produção superior.

Surgem os maquinismos modernos e não só os técnicos os devem conhecer. O operário deve tratar o que lhe está confiado como que uma peça integrante do seu organismo, conhecendo-o por dentro e por fora, para lhe dar a verdadeira assistência, afim de que corresponda às exigências.

Além disto e num meio onde labuta mais de um milhar de operários, não seria nada descabido a apresentação periódica de palestras educativas com temas diversos, cobrindo aspectos familiares, conduta externa, artes e ofícios, etc., etc.

As sessões culturais que a F.N.A.T. faculta através do seu departamento ambulante seria ainda de considerar como uma justa recompensa para os operários barcelenses, que os próprios Sindicatos se deveriam empenhar a trazer até cá, não a título de programa integrado nas Festas das Cruzes, mas muitas mais vezes e gratuitamente.

Barcelos é hoje nma grande potência industrial em todos os géneros, com os operários devidamente sindicalizados, que pagam a sua quota mensal. Entretanto poucas ou quasi nada de regalias usufruem, esperando-se uma melhor atenção da parte dirigente.

Exige-se uma expansão cultural eficaz, instrumento inadiável de pôr em prática no nosso meio e na época que se atravessa.

Adriano Faria

# BODAS DE PRATA DA TEBE

## Breve apontamento

Um dia, um homem, sonhou. Desse sonho surgiu um mundo novo. E esse mundo foi baptizado com o nome de T E B E.

Foi uma criança nos primeiros meses. Cresceu, prosperou, criou raízes fundas e projectou-se no espaço e no tempo.

E tudo que nasce, para não morrer, tem de se projectar ou de procriar. A TEBE, na sua adolescência começou por criar.



Um  
aspecto  
da  
Fábrica  
TEBE

Criou belos artigos, dominou os mercados, venceu as concorrências, e nunca se deixou adormecer aos louros da vitória. Ansiosa de criar mais e melhor não se limitou aos mercados nacionais. Foi mais longe. Procurou novas zonas comerciais, novas gentes e novas necessidades. E assim outros artigos surgiram, novos padrões idealizou. E hoje, com 25 anos feitos, na plena pujança da sua seiva renovadora pensa e crê, que valeu a pena lutar, sofrer, sonhar



Outro  
aspecto  
da  
Fábrica  
TEBE

para criar o seu mundo, todo pleno de esplendor, de grandeza e, por vezes, de certa incompreensão.

Uns já morreram, outros vivem ainda, e todos deram e dão o melhor do seu esforço, da sua inteligência, da sua inteira compreensão.

Hoje a TEBE é uma grande organização, tem o seu nome feito, os seus artigos conceituados, mas tem de ter além disso tudo *uma alma*. Se a perder... o tempo tudo destruirá. É esta a última palavra.

Que Deus dê alma à sua vida. Porque a vida sem alma, é amargura.

A. B.

## Crónica de Recurso

POR esta ocasião em que a família TEBE, pretende comemorar o mais condignamente possível o seu 25.º aniversário tornava-se imperioso irmanar as celebrações com uma publicação especial do Boletim Social da TEBE.

Para o efeito, diligenciou-se obter junto de diversos colaboradores as suas imprescindíveis crónicas. A maior parte, colocou-se imediata e incondicionalmente à disposição da Direcção do Boletim, outros, embora pesarosos, viram-se forçados, por outros afazeres impeditivos, de prestar a sua colaboração, e, assim, surgiu como às vezes nas equipas Foot-Ball, o recurso a cronistas das reservas, razão porque, aqueles que tiverem a bondade e paciência de me ler, reservem nas vossas apreciações o máximo de indulgência possível, acreditem que não nasci, nem me fiz escritor, procurei tão somente, não recusar um pedido, e, concorrer assim com o meu muito modesto contributo, preencher, como acima refiro, em recurso, uma ou outra vaga forçada.

Gostaria, de levar ao exterior, o dia a dia desta Empresa. Gostaria de ter talento, para transmitir a todos aqueles que a nós se encontram ligados, e, que, por razões diversas, nunca tiveram a possibilidade de constatar, analisar, e, apreciar o trabalho, insano, cuidadoso, e, contínuo, com que, se procura que os artigos da TEBE, continuem a merecer a mesma aceitação e preferência de toda a nossa Ex.<sup>ma</sup> clientela, Dizer-se que o nome da TEBE, ultrapassou fronteiras é já bater numa tecla por demais conhecida, mas afirmar-se que os artigos da TEBE, merecem a preferência além fronteiras, é sinal de orgulho de que nos regosijamos.

Sintomática e claramente esclarecedora, tem sido a evolução que proporcionou que uma pequena Empresa que, há precisamente 25 anos, começou a lecionar o ABC das malhas, se encontra actualmente alcandorada, à posição cimeira de Empresas do seu género. Sim! a TEBE, enorme Universidade malheira, formou-se e formou muitas outras Empresas do ramo, facto este de que se sente muito orgulhosa.

Sintomático e igualmente esclarecedor, o facto, de se iniciar a laboração com pouco mais de 20 operários e decorridos 25 anos, ter admitido ao seu serviço o tri-milésimo operário.

Sintomático e esclarecedor o mapa de salários e vencimentos referente a 1945 que, no total mensal, não ultrapassava os 20 000\$00 e, presentemente, ultrapassa o milhão de escudos mensais.

Esclarecedor o seu combóio de transporte de mercadorias que, em 1945, se compunha unicamente de uma viatura com reduzida capacidade e, hoje, se integra de cinco viaturas com capacidade superior a dois vagões cada.

Desta pequena resenha, tem de concluir-se: que, a TEBE, procurou e procura sempre bem servir, cada vez mais e melhor, não se poupando a esforços e canseiras, no sentido de cada vez mais merecer a amizade e consideração de toda a sua Ex.<sup>ma</sup> clientela.

DANIEL CERQUEIRA

C.A. DE LINHA COATS & CLARK, L.<sup>DA</sup>  
 PORTO LISBOA

PREFERIR A FAMOSA LINHA



**CORRENTE**

...É ESTAR NA MODA!



- ★ 180 cores maravilhosas
- ★ e ainda cores da moda
- ★ óptima qualidade
- ★ para todo o género de costura
- ★ em carros plásticos



**Coats**

FABRICANTES DE LINHAS

## TANATEX PORTUGUESA (PRODUTOS QUÍMICOS), L.<sup>DA</sup>

RUA SÁ DA BANDEIRA, 806.2º- Dt.º

Telef. 31568

PORTO

PRODUTOS ESPECIAIS PARA DIFÍCIS PROCESSOS  
 DE TRABALHOS TÊXTEIS:

- CAROLID
- CAROLID ELF—C
- DS—14
- MIGRASSIST ACD
- TANNEX A
- CHEMOCARRIER SPECIAL
- CHEMOCARRIER SDO
- TANAVOL LCP

Em todos os países existe uma sucursal ou um Agente  
 da TANATEX, para servir a Indústria Têxtil

# Fábrica de Malhas

## TEBE

Um nome ao serviço da economia  
 nacional

Un nom au service de l'économie national  
 A name at the service of the national economy

Ein name im dienste der nationalen wirtschaft

Nylons TEBE... Lindos, suaves e sempre  
 desejados pelas senhoras de gosto  
 requintado

Nylons TEBE... jolies, souples et toujours  
 souhaités par les Dames de goût raffiné

TEBE Nylon... lovely, soft and always  
 desired by the good-tasted women

Nylons TEBE... hübsch, geschmeidig und stets  
 gewünscht von Frauen mit gutem Geschmack

Nylons TEBE

Nylons TEBE

TEBE Nylons

Nylon TEBE

Inconfundíveis em toda a parte

Inconfondibles partout

Unmistakable everywhere

Unvergleichlich und ueberall

TEBE—Símbolo de alta qualidade

TEBE—símbolo d'ultra qualité

TEBE—symbol of ultra-quality

TEBE—symbol der hohen qualitaet

# IN MEMORIAM

## Rogério Alberto Pereira Esteves

É com um certo sentimento de saudade que evocamos, embora descoloridamente, a memória deste nosso colega de trabalho.

Tudo na vida é passageiro, tudo se esvai e «a mocidade é uma corrida vertiginosa; colhemos a flor da vida; mas, tão rápida é a nossa carreira, que mal temos tempo para lhe aspirar o perfume».

Assim aconteceu a Rogério Esteves.



## P.<sup>e</sup> Alfredo da Rocha Martins

Ainda há bem pouco, este homem, aparentemente forte, na imensidade da sua eloquência verbal se imortalizava e, logo a seguir, tombado num leito, se sumia da terra para atingir o sonho último: o infinito.



O P.<sup>e</sup> Alfredo sofreu ingratidões, injustiças, mas teve sempre a nobre coragem de saber perdoar.

É depois da morte, num coro único, a voz do povo ergueu-se numa sinfonia de justiça e compreensão, e hoje, mais do que ontem, a sua memória persiste e fica porque a nobreza do seu coração mostrou-se sempre aureolada de próprio esplendor.

## Maria Lúcia de Azevedo Miranda Baptista

Nasceu a 16 de Junho de 1922 e, para o Céu, a 12 de Novembro de 1962, com a morte santa dos justos.

Subiu para o Céu com a alma cheia de bondade, com a consciência tranquila do dever cumprido e recebeu a morte, antevendo no Além a recompensa dos sofrimentos e



grandes privações que, com santa resignação, soube suportar.

Os filhos que extremosamente amou, os alunos que ensinou e todos que tiveram a ventura de privar com ela, depressa se inteiravam da sua espiritualidade, encontrando-lhe um sorriso que nascia duma alma de eleição.

Passou a vida a lembrar-se dos outros esquecendo-se de si própria.

A sua acção intelectual neste boletim está bem patente nos inúmeros e valiosos trabalhos que publicou. Era, sem favor, uma alma de eleição. Recordá-la, neste boletim, é uma obrigação que nos cabe.

As suas peças de teatro são bocados de vida que ela, tão modelarmente, talhou.

Os personagens são vivos, humanos, mas todos aureolados de sublimidade e de valor patriótico. Eis o grande valor da sua obra.



## INCERTEZA

No mundo duma certeza  
Há tanta incerteza certa,  
Que até a própria riqueza  
É tantas vezes incerta.

António Baptista

## Carta da Guiné

Senhor Director:

Escrevo-lhe hoje para lhe falar um pouco deste mundo, que certamente não conhece.

Não lhe irei falar só de mim. Seria egoísmo se assim procedesse. Quero-lhe falar, também, dos rapazes que por cá andam, lutam, sofrem, creem e esperam ansiosos o dia do regresso.

Há em todos nós um espírito de equipa, de amor fraternal, que mais se solidariza nos momentos de ansiedade crescente, de luta, de incerteza e de expectativa.

Em mim e nos meus companheiros há uma voz interior que nos diz que nos batemos por uma causa nobre, justa e, por isso mesmo, digna do nosso esforço, da nossa coragem, da nossa renúncia ao bem estar, à comodidade e ao desprezo das coisas insignificantes.

Não há detractores nas nossas fileiras. Há, sim, homens que têm nervos de aço, moldados em retortas de alto valor patriótico que nunca é de mais relembrar.

Ainda há dias um camarada meu, um bravo voluntário, se ofereceu para uma ingrata missão. O que fez não lhe posso dizer, mas afirmo-lhe que, sem receio e sem medo, cumpriu, voluntariamente, a incumbência com inteira certeza e pleno êxito. São assim os rapazes que por cá andam. São dignos da melhor compreensão dos que por aí ficaram.

O clima, a sede, o desconforto, tudo é nada em relação ao que a Pátria merece.

Oxalá que os da retaguarda nos honrem com a sua compreensão e alto espírito patriótico.

Não somos capazes de compreender a rudeza de alguns quando afirmam que estamos a lutar por uma causa perdida. Não queremos crer que esses portugueses sejam filhos dos nossos maiores, que nos legaram toda uma história de páginas sublimes.

Traidores! houve-os sempre!

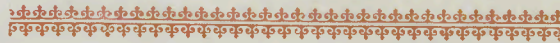
Hoje há os oportunistas, os vaidosos, os cépticos e os cobardes. Destes últimos não conta a Pátria nem ninguém.

Temos uma alta missão a cumprir, e estamos empenhados em vencer.

Demorará? Talvez! Mas a justiça da nossa causa convida-nos a prosseguir.

Do amigo certo que o abraço

Manuel



## ANGOLA

São de Plínio Salgado estas palavras;

«O governo brasileiro só pode ter uma posição: a de defender a posição de Portugal, por justa, à face da História, do Direito e da Razão.

De resto, a pressão da opinião pública é de tal modo violenta, que o Governo brasileiro não pode tomar outro caminho. Pos isso, a missão de serradores constitui um elemento dos mais animadores e deverá repetir-se, a bem da verdadeira e única comunidade que existe no Mundo, a nossa, a luso-brasileira.

# Bayer Portugal, s. a. r. l.



- ✦ ANILINAS E PRODUTOS AUXILIARES
- ✦ TANANTES SINTÉTICOS
- ✦ PRODUTOS QUÍMICOS PARA INDÚSTRIAS
- ✦ MATÉRIAS PLÁSTICAS
- ✦ FIBRAS SINTÉTICAS E ARTIFICIAIS
- ✦ PESTICIDAS

---

**LISBOA** — RUA SOCIEDADE FARMACÊUTICA, 3 — Telefone 42194

**PORTO** — RUA SANTOS POUSADA, 441 — Telefone 54141



# FIGURAS E FACTOS DE BARCELOS

## Major Mancellos Sampaio

**E**MBORA ao correr da pena e sem grandes preocupações históricas, vamos falar, ou melhor escrever hoje, sobre o Major Mancellos Sampaio.

Radicado em Barcelos, durante largos anos, legou à cidade um património cultural que o tempo jamais olvidará.

A sua monografia é um testemunho válido, profundo, consciente, de todo um passado histórico de Barcelos e, assim, compreendida a legitimidade das minhas afirmações, basta mergulhar os olhos e a inteligência nas suas anotações em todos os trabalhos que se referiam ou focavam a história de Barcelos, para confirmar estas afirmações.

Era um historiador culto, procurado por eminentes estudiosos a quem, sem retórica, indicava os pontos de cultura para a iniciação de trabalho que se referissem ao rincão barcelense.

Mancellos Sampaio, só mereceu os louvores dos grandes críticos, dos grandes historiadores, numa palavra, dos homens que mais dele se aproximavam intelectualmente.

O documentário vivo da sua ectividade está, plena de verdade, na sua monografia, que tem servido, ontem como hoje, à instrução e consulta de personalidades várias.

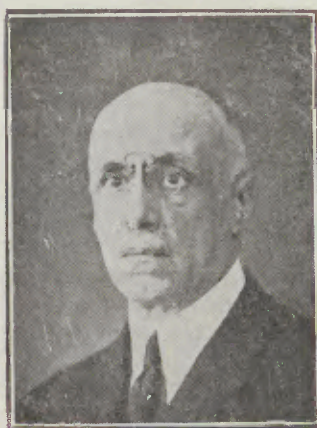
A sua obra permanecerá autêntica, válida, muito sua, sempre sob a égide da verdade ou da mais presumível verdade.

Nem sempre foi compreendido como merecia.

Mas quem era afinal Mancellos Sampaio?

Seria sòmente um historiador? Seria apenas o bibliotecário da B.M.B.? Não!

O major Mancellos Sampaio foi também um monárquico autêntico, sofrendo o amargor das perseguições, dos ódios, das incompreensões. E esse ódio que lhe moveram foi tão longo e prolongado que, bem cedo, ainda no pleno calor da sua inteligência, se viu destituído de haveres e de honras, que a sua inteligência e o seu



ajuizado senso crítico, lhe dariam por certo.

A sua palavra era justa e os compromissos assumidos, pelos documentos, eram válidos.

O rei D. Carlos, esse rei — artista, que a nossa inteligência se não cansa de admirar, sentia-se orgulhoso de sentar à sua mesa o tenente Mancellos Sampaio.

Descendente duma das melhores famílias de Portugal, pertencendo a várias assembleias históricas, o seu nome está, eternamente, vinculado a Barcelos através das suas obras, que sempre têm interesse de consulta aos historiadores autênticos.

Além da Resenha Histórica, Mancellos Sampaio escreveu mais as seguintes obras: «Servidão de Barcelos a Guimarães.

«Um Sinete Interessante», 1640 em Barcelos» e outros apontamentos e notas, que se esgotaram.

Em todas elas pôs o calor da sua inteligência e o grande poder de análise.

Lembrá-lo, creio eu, é um sentimento de Justiça, que Barcelos lhe deve.

### OBRAS PUBLICADAS

— *Fonseca de Mancelos* — Manuscrito 80 folhas.

— *Mascarenhas de Pombal* — *Mascarenhas de Mancelos* — Manuscrito de 98 fls.

— *Ferrazes do Campo de Coimbra* — *Ferrões de Cêa* — Manuscrito de 73 folhas.

— *Cunhas de Antanho* — *Visconde de Maiorca* — Manuscrito de 136 folhas.

— *Sás e Rangeis de Coimbra* — Manuscrito de 136 folhas.

— *Fonsecas de Mancelos* — Maio — Agosto de 1912 — Artigo inserto no Tombo Hist. Gen. de Port. Vol. I, páginas 202-240.

— *Morgados da Ratoeira* — 1914 — fols. existente na livraria de D. Fernando de Tavares e Távora. Autografado.

— *Notas Genealógicas (respeitante à sua família)* — Mans. in fols. de 12 páginas. Pertence à livraria de Eduardo de Campos de Castro de Azevedo Soares (Carcavelos). Oferta do autor.

— *Costados dos Mancelos Ferrazes* — Árvore de geração e costados MCMXVI In folhas de 12 páginas. Autografado. Pertence a Eduardo de Campos de Castro de Azevedo Soares (Carcavelos). Oferta do autor.

— *Árvores de Geração dos Menezes de Cantanhede* — MCMXVII — Manuscrito. Pertence a Eduardo de Campo... (Carcavelos). Oferta do autor.

— *Sás — Rangeis Pereiras de Sá. Viscondes de Maiorca. Condes de Macedo. Mancelos Ferrazes* — Março de 1918. Man. in fols. de 14 fls. Pertence a Eduardo de Campos — Oferta do autor.

— *Título Genealógico dos Contos — Mancelos Valdez* — MCMXX Ms. in Ramo Canto e Castro Mascarenhas de fls. de 56 páginas — Oferta do autor a Eduardo de Campos — (Carcavelos).

— *Os Condes de Viana — Da Genealogia dos Ferrazes do Campo de Coimbra* — 1921. Mans. in fols. 40 páginas. Pertence a Eduardo de Campos — Oferta do autor.

— *Brazão da Casa de São Sebastião das Pedreiras (Família de Sieuwe de Séguier) da Ilha Terceira* — Desenhos à pena.

— *Brazão dos Borges da Costa, da Ilha Terceira* — Desenhos à pena.

— *Barcelos — Resenha Histórica — Pictoresca — Artística* — Barcelos 1927, com profusa documentação artística de Vilaça e Soucasaux.

— *Os Morgados de Antanho dos Cavaleiros* — Publicada no Vol. VIII, páginas 137-150 da revista de Arqueologia e História. Lisboa — 1930.

— *Um sinete interessante* — Separata — In. trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Vol. I, páginas 49-57. Lisboa — 1934.

— *Árvore de Costados do 1.º Marquez de Pombal* — Publicada no livro Descendência dos 1.ºs Marquizes de Pombal, da autoria do Dr. Luís Moreira de Sá e Costa, da Companhia de Jesus.

— *1640 em Barcelos* — Obra publicada em Barcelos.



Fig. 1 — O Paço dos Bispos de Braga, em Barcelos. Pintura a óleo sobre tela. Aparição de João de Deus, 1418. Pertence ao Dr. Gaspar da Costa Leste.





←N1

# GROZ-BECKERT PORTUGUESA

COMÉRCIO DE ACESSÓRIOS TÊXTEIS, L.<sup>DA</sup>

RUA ÁLVARES CABRAL, 424-2.º ESQ.

PORTO



## Teatro de Gil Vicente

(Breve apontamento)

**E**STE apontamento é tão apressado e tão rápido que temo que seja recebido com um sorriso de ironia.

Seja como for, a coisa surgiu e com ela o nome do grande iniciador do teatro português.

Quem era Gil Vicente? Onde nasceu?

Etc., etc.

Tudo isso pode ser lido, estudado e meditado ao longo da história da literatura.

O que interessa saber, embora a traços rápidos, é a essencialidade da obra de Gil Vicente.

Através dos autos de Gil Vicente podemos, em síntese, concluir que «ele soube aproveitar

camponês «lapidado») sob a pressão da burguesia fidalga e do clero.

É o que é mais interessante é que a imaginação de Mestre Gil nunca se esconde ou afasta do conceito de realidade. Fica de fora ou, pelo menos, com a porta aberta para a fantasia; serve-se dela em vez de a servir.

Esse facto, bem vincado, na génese da sua obra, permite-lhe utilizar o paradoxo para criticar as convenções sociais. É o mesmo paradoxo que, por vezes, conjuntamente com a fantasia, que o leva às suas consequências absurdas.



a sua situação na corte para fazer a crítica atrevida e ousada dos diversos vícios sociais relativos principalmente a um sector da nobreza e do clero.»

A unidade da sua obra reside, na maior das vezes, nos personagens que movimenta em diversas direcções e acções, como, por exemplo, em Inês Pereira, que se descobre através dos seus dois sucessivos namoros e casamentos.

«Também não há conflitos de caracteres, se bem que num ou noutro episódio se esboçam conflitos psicológicos, e que a «Comédia do Viúvo», pela sua simplicidade de entrecho, nos faz lembrar, em parte, qualquer quadro da vida moderna.

A obra vicentina engloba, em profundidade e extensão, o conjunto da sociedade portuguesa da sua época. «Na base está o

O Velho da Horta, a Exortação da Guerra, Quem Tem Farellos?, O Auto da Barca do Inferno, o Auto da Barca do Purgatório, o Auto da Alma e todos os outros até Mofina Mendes, são bem as exteriorizações verbais no nunca mais acabar de acidentes, queixas, irreverências, gravidade litúrgica, coros de gaitas e pandeiros, enquadrados quer em ambiente palaciano, quer em ambiente agreste e serrano.

As suas frases são uma inúmera floresta de termos arcaicos, alguns eruditos e outros populares, a que não falta, tantíssimas vezes, o próprio vocabulo hispanizante. E até o latim popular é atributo da obra de Gil Vicente.

A substância da obra de Gil Vicente é tão profunda, na sua simplicidade aparente, que não

## TEATRO

O teatro do século XIX pode ser considerado de três pontos de vista ou segundo três linhas de desenvolvimento. Há, em primeiro lugar, o romantismo e foi dentro do romantismo que surgiu a obra dramática mais importante: o *Fausto*, de Goethe. Que o *Fausto* seja uma obra essencial e decisiva (assim se colocando ao lado de obras como a *Antígona*, *A Divina Comédia*, *Os Lusíadas*, o *Dom Quixote* ou o *Hamlet*), é o que ninguém pode pôr em dúvida. Pode, todavia, discutir-se se ele é, apenas, uma obra de teatro e não implica valores de carácter filosófico e poético que não pertencem, propriamente, ao género dramático. Aliás, para reforçar este juízo, observe-se que Goethe não possuía, como o seu contemporâneo e companheiro Schiller, o segredo da dramaturgia. O teatro de Goethe tem muito de artificioso e fabricado, não brota espontaneamente como o modo de expressão próprio do génio do artista. Mas deve também observar-se que o génio de Goethe era um génio universal, no sentido de abranger todos os domínios do espírito e da cultura. E não deixa de ser significativo que a sua obra mais ambiciosa e mais perfeita, aquela que ele mais longamente trabalhou, tenha a forma da dramaturgia.

Ao lado de Goethe, como dissemos, está Schiller. Os seus dramas — todos eles de assunto histórico — são os que vão caracterizar o drama romântico e possuem, ao contrário dos de Goethe, um poder de comunicação que ainda hoje lhes dá a prioridade na adesão imediata

se esgota facilmente o seu estudo a novas concepções dos especialistas.

Não foi nossa intenção escrever tudo sobre Gil Vicente — mas tão somente aquilo que de mais alto e de mais oportuno nos pode merecer interesse imediato.

Mas de tudo que foi dito uma coisa é certo: «Toda a obra de Gil Vicente tem um cunho moralista» e, por isso mesmo, será sempre universal.

dos espectadores. É do drama romântico de Schiller que provêm as peças mais representativas do teatro romântico europeu: o *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, o *Dom Álvaro ou a Força do Destino*, do Duque de Rivas, o teatro de Vitor Hugo.

O segundo ponto de vista a que inicialmente aludimos é o que nos mostra o desenvolvimento da estética teatral proposta por Lessing, em fins do século XVIII, na famosa «Dramaturgia de Hamburgo». (Ver Boletim n.º 14 — II série, artigos sobre teatro). Depois de uma série infindável de obras menores, que desaguaram no melodrama e preencheram os repertórios dos teatros europeus durante toda a primeira metade do século XIX, surgiram enfim três admiráveis dramaturgos que deram à estética de Lessing a realização artística efectiva: Ibsen, Strindberg e Tchekov. Estamos, aí, perante o teatro de uma sociedade dominada e formada pela burguesia, uma sociedade que, pelas suas estruturas, instituições e costumes, permitia ao homem fechar-se na sua individualidade, nos laços familiares, na segurança das instituições. Este teatro baseou-se por isso na importância elementar de personagens que tratou, não como figuras transcendentes e simbólicas, mas como representações do homem, como *caracteres*. Expressões menores do que estas dos grandes dramaturgos nórdicos e degradando a caracterologia no naturalismo ou no realismo, o final do século viu surgir obras como as de Zola e Hauptmann, que tiveram muita influência na evolução do teatro, mas cujo valor artístico é diminuto.

O terceiro ponto de vista é o que nos mostra o teatro preferido pelos comediantes e pelo público, que se revelava em espectáculos de grandiosas, mas artisticamente inúteis, montagens e utilizava textos inferiores. Era um teatro dominado pelo actor e pelo papel do actor. Ainda hoje — sem ter acabado o predomínio dos comediantes nas organizações empresariais dos palcos — é esta a tendên-

A. Baptista

(Continua na página 11)

Telefone 22053

Embalagens Litografadas  
Embalagens em Plástico

Flexografia e Litografia

# Vieira & Costa, L.<sup>da</sup>

PAPEIS, PLÁSTICOS E REPRESENTAÇÕES

Praça Alexandre Herculano, 56-57

BRAGA

## SOCIEDADE IMPORTADORA JAMORAL, L.<sup>DA</sup>

**Importadores e Representantes de:**

Fabricantes Estrangeiros de **Fios para a Indústria, Sintéticos e Artificiais** ♦ **Fios metalizados «METALREX»**

Rendas — Bordados — Tecidos • Entretelas para Camisaria  
Botões de pressão • marca STOTZ, etc.

Entretelas não tecidas marca ELEPHANTINE  
e THERMOTINE para Malhas e Tecidos

Rua José Falcão, 158-178  
**PORTO**

Rua Maria Andrade, 48 A-48 C  
**LISBOA 1**

# Lisboa não é terra de pretos

Conto de Manuel Boaventura

O bacharel Caetano André Lino, que por economia de espaço, poupança de tempo, ou síntese de ideias, assinava sempre C. A. Lino, era rapaz de aparato físico tão saliente, que poderia ter servido de modelo a artista que quisesse modelar Apolo, como supremo emblema da beleza máscula.

Alto, desempenado, elegante, — rosto do agrado das mulheres, ainda que os olhos, demasiado enterrados, fossem poços sem fundo e as sobrancelhas, matagal espesso, a esconde-los...

— «Uma beleza de homem», diziam as raparigas dengosas, que lhe suplicavam o favor duma mirada enternecida. Mas o excelente doutor franziu a estreita testa, piscava, por tique especial os olhos garços e sorria, agradecido da superioridade e da preferência. Mas cair na rede matrimonial — «tó rôla pirolinhas»!

Em C. A. Lino, o físico compacto, alastrando superabundante, por toda a sua personalidade, evidenciava-se, impunha-se sobre o interiorismo, por tal forma, que o espírito não aflorava livremente, tão esmagado se sentia pela superioridade da matéria, bela como um mármore de Paros.

Ora um dia o nosso excelente bacharel foi ao Porto, tratar de coisas da profissão; passear; ver o bonito dos teatros. Acompanhava-o amigo dedicado e

conterrâneo ilustre — um doutor Aristides, advogado rábula, esperto como um alho, trocista duma figa, cujo espírito esfuante, suprindo deficiências do parceiro, chegava bem para dois, à farta!

Aristides, bacharel viajado, corra Séca e Méca, perdera-se, vezes sem conta, nos meandros de Paris e de Londres, de Berlim e de Roma — andara as sete Partidas, povoara a fantasia de imagens e enchera a alma com a beleza enternecedora das paisagens e o encanto de maravilha dos museus.

havia um criado preto — alto, desempenado, limpo, de dentes muito brancos e lanuda carapinha.

A infantil ingenuidade do doutor C. A. Lino vibrou de espanto e depois de curiosidade:

— Ó doutor? O criado é preto...

— Ah isso é.

E os olhos ingénuos pareciam vir fora, espreitar, à orla do matagal sobrancehudo, todos os passos daquele criado de cor, como se nunca tivesse visto um negro, passaritar pelas ruas da Coimbra, que o bacharelou...

relos, pardos e vermelhos, — os brancos não se distinguiam...

— Ah isso...

— O preto é bom criado, delicado, muito afeiçoado, até.

— Embora: não deveriam existir. Sabe? Sinto repugnância em ser servido pelas mãos dum preto...

— Ora, ora... E se ele nos vier servir?

— Catixa!

Aristides soltou gargalhada de estrondo:

— É gente limpa, que présa, sobremodo, o asseio e gosta da água.

Infantilmente, o bisonho bacharel, obtemperou:

— Como são pretos, calculava que não se lavassem... Não precisavam...

A gargalhada de Aristides foi mais estrondosa ainda: então os brancos só se lavariam para não parecerem... pretos? Boa!

— Você é estupendo de subtilidade, ó Caetano...

— Lá isso...

E foi de facto, o preto, quem veio servir aqueles ruidosos conversadores minhotos, que enchiam a sala silenciosa de estrépito, de vivacidade barulhenta.

C. A. Lino começava já a simpatizar com o escuro criado, parecia-lhe, até, que eram brancas as suas mãos, como eram brancos os seus dentes e a esclerótica dos olhos maliciosos. Então a sua curiosidade aflorou:

— De onde será ele?

— Sei lá.

— Talvez de Angola, ou Moçambique...

— E seus olhos, do profundo abismo das órbitas, seguiam o andarilhar do preto, mediam-no, perscrutavam-no... E uma dúvida brotou:

— Será ele caboverdeano?

— Pode bem ser.

Aristides começava a molestar-se da insistência:

— Muito curioso é você!

— Gosto de saber.

— Tem maneira...

— Como?

— Quando ele vier, pergunte...

E assim foi. Dali a momentos, o afanoso e simpático pretinho, veio servir-lhe o primeiro prato; e C. A. Lino não pode, por mais tempo, conter, a sua curiosidade, carecida de pasto:

— De que terra é você?

O preto sorriu e, em voz meliflua, de érreres sumidos e com visível orgulho do terrunho nativo, respondeu, dengoso:

— Eu, «siô»? De Lisboa.



## TEATRO

(Continuação da pág. 9)

cia que vemos dominar e se manifesta na escolha de um repertório em que o que sobretudo importa são os papéis proporcionados às grandes actrizes e aos grandes actores, às vedetas. Tal género de teatro produziu, especialmente, comédias e melodramas nos quais foram famosos Meilhac e Haléry, Emílio Augier, Eugénio Labiche e Georges Feydeau. Dentre uma produção enorme e inferior, tais autores conseguiram escrever uma ou outra obra de notável valor, como *O Chapéu de Palha de Itália* e *A Viagem do Senhor Perrichon*, de E. Labiche, ou *La Puce à L'Oreille* e *La Dame de Chez Maxim's* de G. Feydeau.

Tais autores, quase todos franceses, invadiram os palcos europeus e foram largamente traduzidos, adaptados e imitados.

Do B. F. C. G.

Era mordaz: e esmagavam às vezes as suas ironias, quando lhe dava para explorar as catacumbas do invisível espírito, soterrado, não se sabia, em que recônditos arcanos, do apolíneo C. A. Lino. Mas eram amigos, eram parceiros, — lá a faina da manhã — foram almoçar.

Nessa altura havia, semeadas pela capital nortenha, como ainda hoje, inúmeras pousadas para comodidade dos forasteiros viandantes, e estalagens que serviam boa mesa e que, já se iam chamando restaurantes, por velha pecha portuguesa de imitar o que vem de fora, das culminâncias da civilização, a impôr moda nova, na terra velha.

A que «restaurante» famoso se acolheram os dois epicuristas deste anedótico conto, não o sei eu. Talvez ao Camanho, talvez a alguma hospedaria camiliana, ainda morna do bafejo do Génio criador de Seide. O que sei é que, na casa de pasto,

— Parece impossível...

— O quê?

— Uma casa destas ter, criados pretos!...

Que lhe parecia, ao doutor? Não era vexatório?

— Ora essa! que tem isso?

Se você for um dia a Paris e entrar em certos restaurantes de luxo, no *Moulin-Rouge*, por exemplo, verá isto: todos os criados são pretos todos...

— Como este?

— Como este.

C. A. Lino, mais vencido, do que convencido, aventou:

— Ó colega: não devia haver pretos, não devia haver gente negra. Coitados! Que desgosto para eles! Mal pensou Deus, criando-os, assim, tão escurinhos, como noite de quarta-feira de Trevas.

Riu com deleite o bacharel Aristides:

— Ó camarada! O mundo só é belo pela variedade, pela diversidade... Sem negros e ama-

(Continua na página 12)

## FERNANDO PESSOA e os seus heterónimos

MUITO se tem escrito sobre Fernando Pessoa e muito ainda há para escrever.

Pessoa, como se analisa através da sua extraordinária obra é um caso fora do vulgar na poesia mundial.

«A correspondência de um artista constitui sempre documento precioso para o estudo completo da sua personalidade. Nalguns pontos, é mesmo um documento de maior valor do que os *Diários* que às vezes se publicam depois da sua morte.»

Através das cartas que Fernando Pessoa escreveu a Armando Cortez Rodrigues podemos fazer uma ideia bem nítida do seu problema poético.

A poesia de Fernando Pessoa é, a nosso ver, uma poesia escrita e sentida não só de contradições entre ele mesmo e os seus heterónimos, pois o facto de «cada grupo de poesias publicado sob um nome diferente», diferente também é o conteúdo filosófico, social e poético de cada agrupamento.

É o próprio Pessoa que depõe:

«Mantenho, é claro, o meu propósito de lançar pseudónimamente a obra Caeiro — Reis — Campos. Isso é toda uma literatura que eu criei e vivi, que é sincera, porque é sentida, e que constitui uma corrente com influência possível, benéfica, incontestavelmente, nas almas dos outros.»

E mais adiantet: «Por isso é sério tudo o que escrevi sob os nomes de Caeiro, Reis, Álvaro de Campos. Em qualquer destes pus um profundo conceito da vida, diverso em todos três, mas em todos gravemente atento à importância misteriosa de existir.»

A arte deverá quedar-se em si própria? Ou deve ir mais além, transcendendo o próprio artista?

É ainda Pessoa que nos esclarece devidamente: Entende o poeta que arte deve ter um fim extra-artístico.

E assim, fazer arte parece-me cada vez mais importante cousa, mais terrível missão — dever a cumprir arduamente, monasticamente, sem desviar os olhos do fim criador de civilização de toda a obra artística. E por isso o meu próprio conceito puramente estético de arte subiu e dificultou-se; exijo agora de mim muito mais perfeição e elaboração cuidada. Devo à missão que me sinto uma perfeição absoluta no realizado, uma seriedade integral no escritor.»

Fernando Pessoa entende, também, que arte deve ter uma

acção civilizadora sobre a sociedade.

Nos seus heterónimos podemos ver um mundo poético plasmado de materiais amplamente problemáticos e bem deonstrativos da sua grande maturidade intelectual.

Vejamos Pessoa em Ricardo Reis. E nada melhor será que transcrever, ao acaso, uma poesia sua.

*Aguardo, equânime o que não*  
[conheço —

*Meu futuro e o de tudo.*

*No fim tudo será silêncio, salvo*  
*Onde o mar banhar nada.*

Agora vejamos Pessoa em Alberto Caeiro.

*Nem sempre sou igual no que*  
[digo e escrevo.

*Mudo, mas não mudo muito.*

*A cor das flores não é a mesma*  
[ao sol

*Do que quando uma névem*  
[passa

*Ou quando entra a noite*

*E as flores são cor da sombra.*

A importância de Pessoa na história da moderna poesia é inconfundível, verdadeiramente singular e ultrapassa, de longe, o conceito banal e retórico para se revelar incidente e inequivocamente misteriosa, profética, patriótica.

O *Ideal* de Fernando Pessoa é um ideal sério, ideal de um homem que ama não só o seu país, mas também toda a humanidade.

Na «Mensagem» o Poeta nunca deixou de ser ele próprio. Há uma inspiração heróica, de pensamentos e reflexões sobre a Pátria, sobre a história num prolongado abraço de grandeza.

A «Mensagem» de Fernando Pessoa é o testamento válido e sempre significativo da nossa literatura desse tempo.

Dissemos muito pouco de Fernando Pessoa, reconhecemos isso. No entanto devemos afirmar que não quisemos especular toda a universalidade do Poeta. Para isso seria necessário alargarmo-nos em eruditas considerações.

Precedimos de todas as indicações bibliográficas, pois apenas quisemos familiarizar o leitor com o nome e a obra do excepcional poeta que foi Fernando Pessoa.

Não se trata de um estudo com cunho erudito. É apenas mais um apontamento.

A. B.

## Lisboa não é terra de pretos

(Continuação da página 11)

Retirou, prestes, a servir outros comensais, ao fundo da sala.

O advogado olhou, de soslaio, a cara aparvalhada do colega, atarantado com a revelação:

— O doutor ouviu? Diz que é de Lisboa... Intrusão! Pode lá ser?

— Ah isso pode.

— Como? Está doido?

— Ora essa? Tendo lá nascido...

C. A. Lino mergulhou os olhos no prato, a procurar nele inspiração, para retrucar ao que lhe parecia tão disparatada afirmação. Um preto nascer em Lisboa!... Quem acreditaria?

Mas já Aristides, sardónico, perorava sobre a nasença daquele negrinho simpático, que, mais que os outros criados, cortava a sala em todos os sentidos e direcções, azafamado, sempre afável, serviçal, prestável, cheio de delicadezas.

Aristides, sorrindo para dentro, voltou à estocada:

— Afinal uma coisa está provada...

— Qual?

— O preto... não é preto.

C. A. Lino podia esperar tudo, menos tão temerária afirmativa. Arrumou o talher, fitou com estranheza o colega troçador, que, com serena ironia, continuava:

— Sim: você compreende: Lisboa não é terra de pretos. É nobre solar de arianos...

Irrespondível! Como negar esta verdade? O pobre bacharel franzia, em dolorosa tortura íntima, os escassos quatro centímetros de testa, no inútil esforço de compreender:

— Mas ele é da cor do meu casaco, repare o doutor.

— Embora. Se nasceu em Lisboa, é porque não é preto.

Pura ilusão dos sentidos, amigo... Não é preto, não alimente dúvidas. Olhe bem para ele: tem ou não cara de... branco?

C. A. Lino ia endoidecendo. Mas aquele amigo Aristides exercia nele uma influência convincente, a que se não podia furtar. Procurou o preto com os olhos: já lhe não pareceu tão escuro...

Aristides insistia:

— Raciocione um pouco, amigo.

O outro via-se preso em rede de fluido magnético:

— Sim, sim... Não será, não. Mas parece...

— Lisboa é terra de brancos por excelência. Quem é preto, verdadeiramente preto, negro, negro, negro... nasce em Angola, como você muito bem disse; nasce na Guiné; nasce na Nigéria... Sim senhor. Em Lisboa não! Quem nasce em Lisboa é branco, sempre branco. Não queira para a nossa Líbia-amada, essa mancha de tinta... escura. Olhe as responsabilidades...

E o desgraçado bacharel, torturado de dúvida, — será? não — retomou o talher, reatou a tarefa interrompida de abastecer aquele belo organismo, digno de Apolo. Depois procurou dentro de si um pequeno auxílio do fugaz espírito, — tão arredio, o maroto! que nem se sabia por onde andava — e confirmou convencido e orgulhoso do bom nome de Lisboa — terra planturosa de gente branca:

— Diz bem. Sim senhor: nasceu em Lisboa... É isso mesmo. É... é... Mas sempre foi bom perguntar.

— Porquê?

— Porque, quem não souber onde nasceu, há de supôr que o «gajo» é... preto.

## DICKENS

A primeira coisa a ter presente em relação a este grande romancista (1812-1870) é o facto de ser um escritor para as massas, não apenas por a sua obra estar impregnada de intuítos reformadores de uma sociedade indiferente à injustiça e aos sofrimentos da maioria — a *exploração do trabalho infantil*, a prisão por dívidas, a crueldade a informar todo o sistema educacional, a quase ausência de assistência na velhice e na doença, etc. —, mas sobretudo por força das «histórias» que narra. Estas dominam por completo o leitor, ávido de saber mais e mais o que «vai acontecer», como uma criança, toda entregue a um «conto de fadas», exigindo completa satisfação à sua curiosidade.

Não é pela qualidade estética que a obra de Charles Dickens se impõe, antes pela humanidade que a reveste. E isto devido à verosimilhança das situações que foca e dos seus personagens, por mais cruéis, pícaros ou grotescos que sejam por mais «tendenciosa» que se revele a perspectiva sentimental a que se subordina o romancista. Pouco importa o exagero em Dickens; ele é timbre, igualmente, da humanidade comum e marca das condições sociais do seu tempo e lugar.

«Fazei rir, fazei chorar, criaí a expectativa» Com esta «fórmula», subscrita por outro escritor de então, se poderia definir a obra de Dickens.

Do B. P. C. G.

## EÇA DE QUEIRÓS

## ANDRÉ MAUROIS

## Fala de Livros

Foi Eça de Queirós (1845-1900), com *O Crime do Padre Amaro*, publicado em 1975, o introdutor do realismo em Portugal. A sociedade é estudada à luz da observação e da experiência e comentada através das preocupações doutrinárias da nova escola: Eça, embora impecável na aplicação das normas desta, só no período mais fecundo e importante da sua obra, que inclui *O Crime do Padre Amaro*, *o Primo Basílio* e *Os Maias*, se submete estritamente à disciplina que o governava; mais tarde escreverá obras de pura imaginação ou alegorias realistas, como *A Cidade e as Serras*, mais de acordo com o seu temperamento, onde subsistiu, um fundo de sentimentalismo romântico.

A geração de 1870, a que pertenceu Eça de Queirós, era positivista e crítica e pretendia ser reformadora. Embora o objectivo do realismo fosse descrever a vida tal como é, com seus vícios e suas virtudes, a intenção reformadora de Eça incli-

ná-lo-á, na pintura da sociedade portuguesa, a mostrar mais os defeitos que as qualidades. Para denunciar as suas mazelas, ele será ora espirituoso, ora sarcástico, com frequência arguto; à fidelidade do retrato prefere, quase sempre, a deformação da caricatura. Esta é viva, oportuna, geralmente justificada pelos ridículos do modelo. O romance de costumes de Eça não é, assim, uma pintura desinteressada e objectiva da sociedade; o que sobretudo ressalta dela é a intenção moralizante e reformadora.

Admirável pela mordacidade da sátira, a oportunidade e a finura da observação, a capacidade emotiva, a inteligência lúcida, o sentido da construção e da unidade no romance, e até por uma intuição psicológica que lhe tem sido muitas vezes injustamente negada, Eça de Queirós é também um dos nossos mais perfeitos estilistas.

Do B. F. C. G.

«A nossa civilização é uma soma de conhecimentos e de lembranças acumulados pelas gerações que nos precederam. Não podemos participar nessa civilização sem conhecermos o pensamento das gerações desaparecidas. Temos de ler para o conseguirmos. Só a leitura nos tornará homens cultivados.

Nada pode substituir a leitura. Nem os cursos orais, nem as imagens projectadas têm o mesmo poder educativo. A imagem é preciosa para ilustrar um texto escrito, mas não permite a aquisição de ideias gerais. Do filme, como da prelecção, pouco fica; é difícil, e muitas vezes impossível, voltarmos a eles para um esclarecimento, uma consulta. O livro fica. É um companheiro, um bom companheiro, para toda a vida. Montaigne dizia que, para viver, precisava de três coisas: amor, amizade... e livros.

O livro permite-nos superar os nossos limites. A experiência pessoal de cada homem não chega para compreender bem os outros nem para se compreender bem a si próprio. Sentimo-nos todos solitários neste mundo imenso e fechado. Sofre-

mos com as injustiças e as dificuldades da vida. Os livros ensinam-nos que outros, maiores que nós, sofreram e procuraram como nós. São portas abertas para outras almas e outros povos.

Graças aos livros podemos evadir do nosso universo pessoal, que é sempre demasiado pequeno, afeitivamente estreito. Uma noite consagrada à leitura dos grandes livros é para o espírito o que umas férias na montanha são para o corpo. O homem volta desses altos cumes mais forte, melhor preparado para afrontar a luta na planície da vida quotidiana.

Os livros são o único meio de conhecermos o passado e o melhor meio de conhecermos outras terras e outros povos. O teatro de Federico Garcia Lorca ensinou-me, mais sobre a alma espanhola que todas as minhas viagens de turista.

A leitura dos livros de história é muito proveitosa para o espírito; ensina ao leitor a ser moderado e tolerante; mostra-lhe e que as terríveis questões que provocaram as guerras civis e as conflagrações mundiais não passam hoje de mortas controvérsias.

Nada é mais importante para a humanidade do que pôr à disposição de todos esses instrumentos de superação, descoberta e evasão, que enriquecem a vida e elevam socialmente o homem.

O ensino das escolas tem de ser completado pelo ensino das bibliotecas. Escutar um mestre, mesmo excelente, não basta para formar um espírito. O papel do mestre é fornecer o recipiente, que o aluno encherá com a leitura, a reflexão, a meditação.

Nenhum estudante, por mais brilhante que seja, pode refazer sozinho o que a humanidade levou milhares de anos a criar. Reduzida aos factos e às ideias que o mestre expõe nas suas curtas aulas, a história é pouca coisa, mas constituirá uma grande lição sobre a vida se o aluno, aconselhado pelo mestre, for procurar às memórias, aos testemunhos e às estatísticas a matéria viva da história.

A biblioteca pública deve dar às crianças, aos adolescentes, aos homens e às mulheres, a possibilidade de saberem o que é o seu tempo, o que se passa no seu tempo. Pondo à sua disposição, imparcialmente, obras de teses opostas, a biblioteca pública ajudá-lo-á a formar opiniões e a ter espírito crítico, pois sem espírito crítico nenhum homem se pode considerar livre.

Do B. F. C. G.

## Elementos para a história do Couto de São Martinho de Manhente

(Continuação da pág. 19)

de objectos e figuras de barro justificativa da fama de admiráveis manifestações de artesanato puro.

Já na freguesia da Lama, ao lado das terras do Couto de Manhente, situa-se o Solar e Honra de Azevedo, de fundação que antecede a nacionalidade e que sobressai da encosta do Monte do Facho a lembrar-nos a histórica figura de Lopo Dias de Azevedo, combatente em Aljubarrota, e do famoso Martinho Lopes de Azevedo — comparsa do lendário episódio dos «Doze da Inglaterra» que o génio de Camões celebrizou. Este Solar teve já valioso recheio de preciosidades históricas e artísticas entre as quais se contavam o elmo e a espada com que Lopo Dias de Azevedo combatera em Aljubarrota<sup>(1)</sup>.

A região que vimos tratando, de contornos orográficos variados em que a montanha, a colina e o vale formam conjunto que se evidencia num jogo de contrastes, tem a influência de ventos marítimos que as aberturas perpendiculares à costa facilitam.

\* \* \*

Não foram abundantes os elementos que nos foi possível obter para traçarmos a história do Couto de São Martinho de Manhente.

No entanto, os poucos que nos foi possível recolher ditaram-nos um plano de trabalho quanto ao estudo desta terra imune colocada sob a administração da comunidade religiosa do Mosteiro de São Martinho de Manhente, primeiro, e, séculos passados, sob a do Convento de Vilar de Frades.

Trata-se de uma instituição eclesiástica minúscula no quadro da vida regional ao longo dos séculos e sem significado como elemento indicativo das grandes instituições monacais na História de Portugal. É porém indiscutível que a sua projecção se reflecte em numerosos aspectos da vida nacional.

Elegeram-se para este estudo alguns dos mais significativos aspectos, sem que com isso se queira defender que foram eles, e só eles, os de maior alcance nos quadros da vida colectiva de Portugal ao longo da História.

Nesta ordem de ideias abordam-se sucessivamente:

— O problema das origens do Mosteiro de São Martinho de Manhente;

— A instituição, pelo contamento da iniciativa de D. Afonso Henriques, dos domínios próprios do Mosteiro, bem como, naturalmente, os problemas históricos que tudo isto suscita;

Um rápido traço histórico das principais modificações verificadas desde o Século XII nos aspectos económicos e social do Couto, as numerosas questões relacionadas com os poderes da jurisdição criminal e civil atribuídas ao Mosteiro na área dos seus domínios, bem como os inevitáveis conflitos que, aliás o que era praticamente normal por todo o País, sucedia em consequência quer da insuficiência de definições das esferas desses poderes (sobretudo em relação aos monarcas), quer dos esforços de umas e de outras entidades para alargar os poderes próprios;

— Finalmente, entendeu-se que nesta rápida panorâmica não deveria faltar uma referência, mesmo meramente indicativa, acerca do entrosamento dos poderes administrativos do Mosteiro que se estudou em particular, com a orgânica administrativa central e, sobretudo, local. Para tanto faz-se um breve cotejo entre a situação tal como existia antes das profundas transformações históricas trazidas pelo liberalismo e a organização geral que este originou.

# SÁ & CASTRO, L.<sup>DA</sup>

RUA FARIA GUIMARÃES, 345-349  
APARTADO 151  
PORTO — PORTUGAL



TELEFONES: 46124/5/6/7/8  
TELEX-ORGATE 2385 P  
TELEGRAMAS; SAMECA

## Divisão de Material Têxtil:

Máquinas e aparelhos para fiação, tecelagem, acabamentos, branqueação, tinturaria e estamparia.

## Divisão Técnica:

SECÇÕES DE: Aerodinâmica e Termodinâmica. Manutenção. Telocomunicações. Sinalização e Controlo de tempo. Fitas adesivas.

## Divisão de Produtos Químicos:

Produtos auxiliares para a indústria.

AGENTE DO TRÁFEGO  
DE MERCADORIAS NOS  
PORTOS DO DOURO  
E LEIXÕES

CARGA AÉREA

# Pinto Moreira & Irmão, L.<sup>da</sup>

ESCRITÓRIOS:  
RUA NOVA DA ALFÂNDEGA, 70-1.º  
TELEFONES: 33335-25065  
PORTO

DESPACHOS • BARCAGENS  
CARGAS E DESCARGAS  
APARTAÇÃO A BORDO  
TRANSPORTE  
DE MERCADORIAS



## STENDHAL

A obra de Henri Beyle, mais conhecido pelo pseudónimo de Stendhal (1783-1842), não despertou o interesse dos seus contemporâneos (Balzac conta-se entre os seus raros admiradores), e foi o nosso tempo que lhe fez justiça incluindo-o entre os grandes romancistas universais. Tendo vivido em pleno romantismo e falecido quando o realismo ensaiava com timidez os primeiros passos, os seus dons de análise, a sua fina penetração psicológica, o seu desdém pela moral romântica do sentimento e as flores do estilo romântico, colocam-no fora da sua época, ou tão adiantado sobre ela que já se encontra no limiar da nossa.

Stendhal mostra a força da paixão com nitidez e frieza; poucos o igualam na argúcia e na subtilidade a analisar os sentimentos.

O seu romance, como o do seu antecessor Benjamin Constant, chega a lembrar um laboratório, onde dissecam com ge-

lada lucidez as paixões humanas. O seu método é o de um racionalista; mas a sua arte, onde nunca se procura o alarde ou se força o efeito, nem por isso deixa de ser arrebatante.

Os personagens de Stendhal caracterizam-se pela complexidade e a contradição dos sentimentos, que nunca tinha sido aprofundada até ao ponto em que ele o faz. Com Stendhal, a alma humana deixa de ser uma entidade vaga e abstracta para se transformar em objecto de busca e de indagação: o facto concreto aparece em toda a sua nudez, sem que a linguagem o deforme ou amplie. O seu conceito do homem é puro e elevado, mas sem exageros idealistas.

Uma aspiração clássica preside à realização desta obra, em que ao rigor do estilo corresponde a nitidez das figuras, onde nada envelheceu, e vai contando cada vez mais fiéis admiradores.

Do B. F. C. G.

## TOLSTOI

Tolstoi (1828-1910) é uma das maiores figuras da literatura universal.

Poucos escritores pintam a vida quotidiana com mais simplicidade e grandeza. Nos seus romances *Guerra e Paz* e *Ana Karenine*, Tolstoi mostra-se tão atento à descrição do mundo exterior como aos sentimentos íntimos dos personagens. Os seus romances são modelos de realismo objectivo, profundamente humano. O mundo que descreve é o nosso mundo terreno, mas sobre ele paira uma intensa vida espiritual. Argutíssimo psicólogo, a sua simpatia pelo sofrimento dos homens ajuda-o a evitar a frieza de análise: *Guerra e Paz* é uma sucessão de quadros, em cada um dos quais os sentimentos dos personagens ficam completamente dissecados, sem que por isso se desumanizem. Um grande sopro épico anima este vasto conjunto.

Consciência psicológica e consciência moral coexistem na personalidade de Tolstoi. O desejo de aperfeiçoamento é primordial nos seus personagens, conferindo-lhes uma intensa vida interior. Este rico aristocrata tinha uma profunda simpatia pelos oprimidos e pelos humildes: o mais elevado idealismo, orientou, com efeito, toda

a sua vida e toda a sua obra e explica as terríveis crises espirituais que atravessou. Os seus livros são uma interrogação, por vezes angustiosa, sobre o sentido e a finalidade da vida.

Não há, talvez, romancista mais completo e mais perfeito do que Tolstoi: de facto, é impossível citar outro escritor onde a adesão da forma à substância seja tão absoluta. O realismo deste grande mestre da literatura universal é, assim, exemplar. Nenhuma outra pintura do homem e da vida é tão semelhante ao homem e à vida.

Do B. F. C. G.

## ORGULHO

O orgulho é o complemento da ignorância.

Fontenelle

## Agradecimento

O corpo redactorial do Boletim Social da TEBE, agradece penhoradíssimo, a todos os fornecedores que se dignaram conceder os seus preciosos anúncios para este número especial.

Graças a eles foi possível engrandecer o boletim com valiosa colaboração e esmerada apresentação gráfica.

## AS GRANDES NAVEGAÇÕES DOS PORTUGUESES

1818 — João Gonçalves Zarco faz o reconhecimento da Madeira.

1421 — Iniciam-se as tentativas anuais do reconhecimento da costa de África.

1425 — Colonização da Madeira.

1427 — Descobrimto dos Açores.

1434 — Gil Eanes dobra o cabo Bojador.

1435 — Avança-se para além do cabo Bojadoro (Gil Eanes e Gonçalves Baldeia).

1437 — Desastre de Tânger. Suspensão da actividade marítima até 1440.

1440 — Surge a caravela.

1441 — Nuno Tristão atinge o cabo Branco.

1443 — O Infante D. Henrique obtém do regente D. Pedro o monopólio do comércio da África e projecta a construção da sua vida, em Sagres.

1444 — Nuno Tristão atinge a Senegâmbia e Dinis Dias dobra o cabo Verde.

1445 — Álvaro Fernandes atinge o cabo dos Mastros.

1446 — O mesmo avança mais 110 léguas para além do cabo Verde.

Nuno Tristão navega profundamente ao longo da costa africana.

1454 — Uma bula de Nicolau V concede ao infante D. Henrique o monopólio das explorações marítimas.

1456 — Exploração dos rios Senegal, Gâmbia e Rio Grande.

António de Noli e Cadamosto descobrem as ilhas de Cabo Verde.

1462 — Pedro de Sintra faz o reconhecimento da costa até ao sul do cabo Mesurado (Bosque de Santa Maria).

1462 — Primeiras observações da Estrela Polar, para determinar a latitude, feitas pelo navegador Diogo Gomes com um quadrante, durante a viagem que realizou à Guiné.

1471 — João de Santarém e Pedro Escobar descobrem a parte da costa africana onde mais tarde será construído o castelo da Mina.

1482 — Diogo Cão chega ao cabo de Santa Maria.

1483 — O mesmo chega ao Zaire.

1484 — Segunda viagem de Diogo Cão ao longo da costa ocidental de África até à vista da baía das Sardinhas e da serra Parda.

1487 — Partida de Bartolomeu Covilhã e Afonso de Paiva para a costa oriental da África por terra.

Partida da expedição de Bartolomeu Dias.

1388 — Bartolomeu Dias dobra o cabo da Boa Esperança e regressa a Lisboa.

1492 — João Fernandes Lavrador navega até à Gronelândia, viagens que se prolongam até 1498.

1494 — Celebra-se o tratado das Tordesilhas.

1495 — Os Portugueses chegam a Sofala.

1498 — Vasco da Gama chega à Índia.

1500 — Descoberta ou reconhecimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral.

Álvaro Fagundes chega à Terra Nova.

Gaspar e Miguel Corte-Real exploram a Terra Nova.

1511 — António de Abreu e Francisco Serrão descobrem as ilhas Molucas.

1513 — Os Portugueses chegam à China.

1519 — Fernão de Magalhães inicia a viagem de circum-navegação.

1522 — É possível que Cristóvão de Mendonça tenha chegado às costas da Austrália.

1525 — Estevão Gomes navega até às costas da América do Norte, que percorre, em parte.

1542 — Os Portugueses chegam ao Japão.

João Rodrigues Gabrielho percorre e explora as costas do México, do lado do Pacífico, e as da Califórnia.

1595 — Pedro Fernandes Queirós, o navegador português do Pacífico, descobre as Ilhas Marquesas.

1606 — O mesmo descobre as Novas Hébridas.

João Vaz de Torres navega das Filipinas até à ilha de Guadalcanar, no arquipélago de Salomão.

1660 — David Melgier, num barco holandês, sai do Japão, atravessa o estreito de Beringue, navega pelo Ártico para oeste, contorna o arquipélago de Espitisberga, atingindo o oceano Atlântico.

## O LAR

O lar doméstico é a fonte de todas as virtudes sociais, e nele se guarda, como num santuário, o germe de todos os feitos grandes e heróicos.

FLORES

## A RAZÃO DO ESTADO

Goethe afirmou: «Prefiro uma injustiça a uma desordem». Resta apenas saber se a injustiça, mesmo no caso de ser única e meramente de excepção, não constitui uma gravíssima ameaça, ao inocular um germe de morte em toda a extensão do corpo social. Há 200 anos já que o dilema está posto, embora desde Jesus até aos nossos dias tenha aumentado sempre o rol daqueles, contra os quais a razão de Estado é invocada.— Daniel Ropes.

## Manahu & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>



Produtos Químicos

para a

Indústria Têxtil



Rua de Santa Tereza, 2-C 1.º

Telef. 25179

PORTO

## Regisconta

Máquinas Registradoras e de Escritório, SARL

LISBOA

AV. DUQUE DE LOULÉ, 72

TELEFONE 56 00 91 (8 linhas) END. TELE. «REGISCONTA»

PORTO

RUA CLUB FENIANOS, 1-11

TELEFONE 2 92 82 (4 linhas)

COIMBRA

RUA DR. MANUEL RODRIGUES, 16-20

TELEFONE 2 61 08

FARO

RUA DR. CÂNDIDO GUERREIRO, 27-A

TELEFONE 2 43 47

LEIRIA

AV. HERÓIS DE ANGOLA, 125-1.º-E.

TELEFONE 2 33 86

As malhas **TEBE** entram em toda a parte, no Ministério, na Universidade, na Oficina, no Campo... Elas são a mensagem do bom gosto, distinção e comodidade... Por estes atributos o mundo do bom senso sabe preferi-las... As mulheres elegantes, distintas e inteligentes não querem outras...

# A. Correia da Silva & C<sup>a</sup> L<sup>da</sup>

FIAÇÃO FINA ESPECIALIZADA EM  
FIOS DE ALGODÃO DO EGIPTO

RUA ALBERTO PIMENTEL

TELEF. 5 30 07/8/9

SANTO TIRSO

Todos os grupos de anilinas para a indústria e produtos  
auxiliares especializados das organizações Norte-Americanas

**GAF CORPORATION**      New-York  
**ARKANSAS COMPANY INC.**      Newark

Distribuídos pela

**AGÊNCIA COMERCIAL DE ANILINAS, L.<sup>DA</sup>**

Avenida Rodrigues de Freitas, 68-74

PORTO

## Governador Civil de Braga

O Senhor Comendador Santos da Cunha, digno governador civil do distrito de Braga, tem sido sempre um grande político e deixou, na gerência da Câmara de Braga, uma grande e valorosa obra.

Por ser um homem de acção, generoso e de fino trato, o governo entendeu por bem chamá-lo a dirigir o distrito.

Também nestas novas funções tem desempenhado uma actividade meritoria e renovadora, aceitando de certo modo, os valores políticos que não pensam como ele, mas que sejam bem intencionados. Não aceita, e com justificada razão, os que orientados por



potências estrangeiras, pretendem diminuir ou desvirtuar as directrizes nacionais. Portugal tem necessidade de coesão e não pode dar-se ao luxo de guerras civis e fratricidas.

É necessário justiça na compreensão, clima de equilíbrio político na acção patriotismo autêntico a toda a hora.

Todos cabem dentro da Pátria. Estamos certos que ao longo do tempo haverá mais justiça social, melhor compreensão entre os homens e, portanto, mais liberdade cívica.

A liberdade deverá, ser aumentada progressivamente. Torna-se necessário, também, que cada um a possa e saiba merecer.

Por todas as razões apresentadas cumprimos o grato prazer de desejar

## Professor Dr. Joaquim Nunes de Oliveira

BOLETIM SOCIAL DA TEBE tem imenso gosto em inserir nas suas colunas a figura prestigiosa do Deputado da Nação, Sr. Professor Doutor Nunes de Oliveira.



Barcelos muito deve a este ilustre filho e espera, que no futuro, o seu nome, viva projectado em obras imorredoiras.

Que S. Ex.<sup>a</sup> continue à frente do Distrito como Deputado são os melhores votos que poderemos formular.

ao senhor comendador Santos da Cunha um porvir cheio de grande e frutuoso renascimento político e social.

Todos — ainda somos poucos — para valorizar, engrandecer e fazer compreender Portugal.

O mundo tem os olhos postos em nós. Nós temos os olhos postos no altar da Pátria, em holocausto da qual uma geração generosa está a escrever páginas sublimes de grandeza histórica.

Angola, Moçambique e Guiné, são parcelas queridas duma Nação que se não pode atraiçoar. Por esse facto defendê-las é uma honra que a todos nos cabe. O governador civil de Braga está com Portugal!

## Presidente da Câmara de Barcelos

BOLETIM SOCIAL DA TEBE sente o grato prazer de inserir nas suas colunas a fotografia do senhor Dr. Vasco de Faria, muito ilustre presidente do nosso Município.

Não se trata de sobserviência, pois o senhor Dr. Vasco de Faria tem sido sempre um espírito aberto a todas as manifestações de cultura no seio da urbe barcelense.

Filho de Barcelos, descendente duma nobre família, a quem nos ligam profundos laços de amizade, a sua acção, em prol do concelho, não será tão vasta e profunda como ele, sinceramente,



desejaria, mas sem grandes barulhos espectaculares, calmamente, reflectidamente, tem contribuído para a valorização do património que lhe está confiado, quer no aspecto cultural, quer ainda no sistema rodoviário e no progresso acelerado das populações rurais.

Homem simples, primorosamente educado, está a cumprir honestamente a missão para que fora chamado.

Boletim Social da Tebe formula os melhores votos de prosperidades ao senhor Presidente da Câmara de Barcelos e deseja-lhe um porvir de muitas realizações e também de justa e inteligente compreensão por parte dos munícipes.

Por amável deferência da Ex.<sup>ma</sup> Senhora Dr.<sup>a</sup> D. Maria Celeste Andrade da Costa Fernandes, transcrevemos neste número especial a «INTRODUÇÃO» à dissertação que apresentara à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1968 para a sua licenciatura em Ciências Históricas:

## Elementos para a História do Couto de São Martinho de Manhente

### INTRODUÇÃO

MANHENTE, uma das 89 freguesias do concelho de Barcelos, com uma população actual de 836 habitantes, dista 4 km da cidade que encabeça a circunscrição territorial em que se integra.

Tomando como ponto central de referência o Mosteiro que foi sede senhorial do Couto de Manhente de que nos propomos tratar, tem este para Sul, à distância de 12 léguas, o Porto; para o Oriente, a 4 léguas a cidade arquiépiscopal de Braga que foi capital do reino suevo, e Guimarães a 8 léguas; para o Norte, entre 6 e 7 léguas, respectivamente, Viana do Castelo e Ponte do Lima; para o Ocidente a Vila de Espinho (1).

Nos primórdios da Monarquia Portuguesa foi terra de grande importância. D. Afonso Henriques coutou as terras do Mosteiro de Manhente a Gomes Ramires que o Padre Mestre Jorge de São Paulo, cronista da Congregação de São João Evangelista, afirma ter sido abade do Mosteiro (2).

As terras assim coutadas abrangiam parte das freguesias de Tamel (São Veríssimo), de Galegos (Santa Maria), de Galegos (São Martinho), e de Areias (S. Vicente).

Considerando o ponto central da região histórica para o qual converge o nosso estudo, tomando as coordenadas das igrejas actuais das paróquias que compreendem o Couto do Mosteiro de São Martinho de Manhente, referenciando-as ao ponto definido na origem geodésica e militar dos Serviços Cartográficos do Ministério do Exército, são os seguintes os valores respectivos:

|                       |            |            |
|-----------------------|------------|------------|
| Manhente              | M = 163,27 | P = 508,41 |
| Galegos (Santa Maria) | M = 163,10 | P = 510,36 |
| Galegos (S. Martinho) | M = 163,76 | P = 510,24 |
| Tamel (S. Veríssimo)  | M = 161,68 | P = 509,20 |
| Areias (S. Vicente)   | M = 166,00 | P = 510,26 |

O Convento de Vilar de Frades a cujos Padres Loios o Couto veio depois a pertencer tem as seguintes coordenadas:

M = 164,65 P = 508,00

D. João I concedeu à Congregação de São João Evangelista de Vilar de Frades grandes benefícios e mercês. De entre eles toma vulto proeminente a concessão do senhorio do Couto de Manhente (3).

Assim, ficou, a partir de concretização desta benemerência régia, estabelecido o ponto de partida da interligação da história do Couto do Mosteiro de São Martinho de Manhente com a Congregação de São João Evangelista de Vilar de Frades.

O Reitor do Convento de Vilar de Frades nomeava do Juiz do Couto de Manhente para o civil e órfãos e o capitão de uma companhia de ordenanças. No crime imperavam as justiças de Prado.

Como os demais, este Couto foi suprimido em 1834, com a particularidade de só ter sido entregue à Câmara Municipal de Barcelos transcorridos dois anos daquela supressão (1837), como consta do auto de entrega.

Recorta-se e integra-se a região deste Couto na velha e ubérrima província de Entre-Douro e Minho.

A importância desta região não a podemos circunscrever somente ao facto de ter tido um Couto. Tem incontestada ancestralidade histórica e arqueológica.

Ainda bem recentemente, em Novembro de 1949, foi encontrada por um jornaleiro, à profundidade de 1 m, no Campo da Vessada, na freguesia de Góios, do concelho de Barcelos uma cadeia de ouro, pré-histórica, que se compõe de cinco anéis, em hélices cilíndricas, terminando em parte aguçada e que, possivelmente, constituía jóia ornamental de damas ricas daqueles tempos remotos, como refere a nota que se juntou e que se encontra acautelada na Câmara Municipal de Barcelos.

Não podemos abstrair-nos de algumas referências a um passado histórico que largamente neste território precedeu a instituição do Couto de São Martinho de Manhente. Em toda esta região se fez sentir a influência dos povos que viveram nas extensões da metrópole bracarense. O esplendor do Império de Augusto de notável expansão na Península Ibérica havia de dar conhecimento das incomensuráveis riquezas e da privilegiada situação de Braga e suas imediações. Compreendeva-o o estabelecimento e delimitação da segunda via militar de entre as cinco que dali partiam originariamente de outras tantas portas das veneráveis muralhas da «Bracara Augusta», e que desta saindo ia dar ao Rio Cávado, no sítio da Afurada, um tanto acima de Vilar de Frades (4).

As milícias ali embarcavam ou desembarcavam, vindos ou idos para Astorga — urbe magnífica — que era um dos sete «conventus» que, como Plínio refere, tinha sob a sua dependência 22 «populis» (Augustanos e Transmontanos) que os romanos assim ligavam ao «conventus» de Braga (5).

A Norte dos limites deste Couto situa-se a «Citânia de Roriz» que, julgamos, teve o seu «opidum» no Monte do Facho com a altitude de 324 m, no sopé do qual viria, séculos decorridos, a situar-se o Couto de São Martinho de Manhente. Esta citânia parece ser da mesma época da de Briteiros, com a coincidência de a separar de Braga distância não muito superior. As características de uma e de outra são semelhantes. A de Roriz é cingida por uma série de três muralhas que acompanham a irregularidade dos contornos daquela elevação orográfica. Notam-se-lhe vestígios de casas circulares e quadrangulares. Há notícia de que na chamada «Eira dos Mouros» havia uma pia de pedra que faz supor que perto dela existiria alguma oficina de olaria.

Aquela pia serviria para secagem de produtos de actividades desta natureza. O certo é que nas imediações desta citânia — Galegos (S. Martinho) e Galegos (Santa Maria) — se veio a concentrar e a desenvolver uma das mais tradicionais e famosas actividades da olaria de Barcelos, referindo-se, até, que bem perto se situa o lugar de «Souto de Oleiros».

O Rio Cávado («Celano» ou «Celand» lhe chamaram os romanos e «Cadavo» os mouros), vindo dos confins da Serra do Larouco, do sítio de Vilarinho da Montanha, descendo de Nascente a poente desde a longínqua Montalegre, num escasso troço de 4,700 km, depois de receber os Rios Cabril e Homem à direita e o Rabagão à esquerda, limita pelo Sul as terras do Couto de São Martinho de Manhente.

No seu trajecto, de apressada impetuosidade no seu início, após ter galgado açudes e penhascosas penedia alcantilada e, já depois de ter deixado as regiões mais montanhosas do seu curso, gradualmente se vai amansando até atingir bucólica e idílica quietude antes de se lançar no mar, em Espinho.

Há notícia de que em 1758 o Rio conservava ainda a sua navegabilidade, no verão, desde Espinho até Mereces, um pouco abaixo de Barcelos.

Teve em tempos passados grande riqueza piscícola: bogas, escalos, tainhas, sáveis, muges e solhas e, nos meses de Março a Maio é abundante, ainda hoje a pesca da lampreia. As trutas e os salmões que em considerável escala povoavam o Rio, foram espécies que, por motivos ainda não averiguados, desapareceram.

O Rio era entrecortado por muitas pesqueiras particulares juntas aos açudes, como sejam as da Igreja da Graça, as do Gabriel, as da Casa de Azevedo, junto das Azenhas do Sousa, as do Convento de Vilar de Frades, as da Igreja de Manhente, as de Goios, as de Santo António nas imediações de Barcelos, as de Mereces, do Morgadio dos Pinheiros «em cujo sítio está situado um profundo poço, no qual de hum lanço se colherão em hũa ocasião trezentos e sessenta e quatro sáveis; e tambem noutro ano se pescarão trinta e um salmões» (6).

Daqui para jusante as pesqueiras eram livres, excepto no poço da Barca do Lago que foi pertença de João de Vasconcelos de Melo Felgueyras Gato, e as de Fão, da Casa de Bragança.

Nos limites da região coutada tinha o Convento de Vilar dois engenhos e junto a estes uma barca de passagem para Barcelos, Viana, Ponte do Lima e aldeias visinhas.

É o Rio que dá vida e fascínio à paisagem, verdura aos campos e fertilidade à terra, que os Rios Neiva e Este tornam mais rica prendendo os povos às actividades agrícolas, por forma intensiva, e que constituem ainda hoje as principais, pela elevada produção de milho, feijão, vinho, linho, hortaliças, bem como de fruta cuja cultura está nos nossos dias a passar por uma fase intensificadora com vista à exportação. Nestas terras onde o milho é fonte primordial de riqueza que dá o ambicionado pão e requer cuidados especiais de secagem e protecção às espigas, não há que estranhar que o velho espigueiro ou canastro se evidencie como elemento imprescindível à conservação do cereal que não deve ser posto à acção directa do tempo.

Industrialmente tem este concelho sofrido nos últimos anos um surto de desenvolvimento digno de nota, principalmente na indústria têxtil, merecendo também realce a produção de energia hidro-eléctrica da Central da Penida, no sítio de Afurada, da freguesia de Areias de Vilar, que se situa no ponto em que se iniciava o troço do Rio Cávado que se integrava na estrada romana de Braga para Astorga.

Ao viandante que, vindo de Braga pela Estrada Nacional n.º 103-1.ª, e inflectindo, já em Barcelos para a n.º 205-1.ª, demande Manhente, depois de ter feito um percurso de 24 km, conservou na retina o fascínio da paisagem: ao longe e defronte ao monte de Airó está o secular Convento de Vilar de Frades — maravilhoso templo manuelino com imponente portada românica e chafariz monumental — bem radicado na história deste Couto como veremos; prosseguindo, e depois de contornarmos pela curva da estrada a Casa de Vessadas, à esquerda, já em Barcelinhos, depara-se-nos na outra margem do Rio o velho burgo barcelense no qual se entra depois de deixada a minúscula Ermida de Nossa Senhora da Ponte, transposta a ponte sobre o Cávado. Aquela surgiu documentalmente para a História com o foral de D. Afonso Henriques (1140-1146) vincada ainda com a confirmação das Inquirições de D. Afonso II e D. Afonso III (7) e com a reforma do foral por D. Manuel I.

Estamos nas terras que constituíram o primeiro condado vitalício português, da fundação de D. Dinis (8) e que foi dado em primeira mão ao Conde D. Afonso, tendo sido também senhor deste condado D. Nuno Álvares Pereira por concessão de D. João I, em 8 de Outubro de 1385 como recompensa pela vitória de Valverde e depois doado pelo Condestável a D. Afonso, seu genro, marido de D. Brites Pereira, e assim feito 8.º Conde de Barcelos.

Elevada a ducado pelo Infante D. Pedro teve como primeiro duque D. Afonso, filho de El-Rei D. João I (9).

Subindo às ruínas dos Paços dos Condes-Duques avista-se o Monte da Franqueira que evoca o acto do Alcaide Nuno Gonçalves de Faria que, no tempo de D. Fernando, junto aos muros do Castelo de Faria (próximo da Ermida da Franqueira cuja data da fundação se desconhece, embora se admita que a parte que serve de capela-mór foi mandada erigir por Egas Moniz) sacrificou a sua vida num exemplo de abnegação e de lealdade. O exemplo havia de frutificar, pois que um filho do Alcaide veio a ser um dos mais valorosos guerreiros de Aljubarrota tendo sido armado cavaleiro no próprio campo de batalha por D. João I.

No Museu Arqueológico de Barcelos, o padrão denominado «O Senhor do Galo» perpetua a lenda secular que foi inspiradora de manifestações artesanais de olaria local. Segundo as lendas locais, um galo assado se levantara e cantara para a absolvição do galego injustamente condenado à forca.

O «Galo de Barcelos» materializa a lenda numa interpretação singular do oleiro da região.

Junto deste Museu situa-se a Igreja Matriz do Século XIII e restaurada no Século XVI — a velha Colegiada fundada no século XV por D. Afonso, Duque de Bragança (10).

Depois de apreciarmos o Pelourinho em gótico florido que se ergue no jardim fronteiro encaminhamo-nos para o Largo do Apoio.

Aí existia uma torre do Século XIII ou XIV (Antico tronco ou prisão municipal) encoberta hoje pela construção do Morgadio dos Carmonas dos Séculos XVI e XVII; a Casa do Alferes Barcelense Gaspar Gois do Rego, cavaleiro da Casa de Bragança e morto em Alcácer-Quibir — e, do lado oposto a esta, a Casa do Condestável D. Nuno Álvares Pereira.

Já no Largo da Porta Nova ergue-se a Torre do Postigo da Muralha, medieval, que era uma das extremas do velho burgo.

Seguindo pela estrada nacional que conduz a Prado, deixando ao Norte as terras de Abade do Neiva, com sua igreja românica mandada erigir pela Rainha D. Mafalda, prosseguindo em direcção a Manhente, depois de transpormos o Ribeiro das Pontes (Riullum Pontheliae) — limite Poente do Couto — passando por Tamel (S. Veríssimo) iremos dar a Manhente onde deparamos com uma igreja com portal românico (Século XII) — restos do antigo mosteiro — com torre medieval ao lado.

Entestam em Manhente, pelo Norte as freguesias de Galegos (S. Martinho) e Galegos (Santa Maria) e mais a Nascente a freguesia de Areias (S. Vicente) que se notabilizaram na confecção

(Continua na página 13)

**AUTO-ACESSÓRIOS BARCELENSE**

DE

*Manuel Elias da Costa Lima***ROLAMENTOS****SKF***Grande Stock de acessórios para automóveis e para a indústria**Fornecedor das principais Firms Barcelenses*

Rua D. António Barroso, 70-74

Telefone 82759

BARCELOS

**Botões****MARCA DE GARANTIA****Manuel de Sousa Lopes, L.<sup>da</sup>****Fábrica Rio Este****Fábrica de Botões e Fivelas—(Tratamento KORATROM)****FÁBRICA:**

LOURO—V. N. DE FAMALICÃO

Telefone 22024/25

APARTADO 38

**ESTABELECIMENTO:**

Rua das Flores, 294/298

Telefone 23504

PORTO

**DROGARIA MOURA, L.<sup>DA</sup>**

(FUNDADA EM 1851)

97—LARGO DE S. DOMINGOS—101

Telef. PPC-24066 /67 — Telegramas: TINTAS

**PORTO****IMPORTADORA E ARMAZENISTA**DE DROGAS E PRODUTOS QUÍMICOS  
INDUSTRIAIS.**ARMAZENISTA**DE ESPECIALIDADES FARMACÊUTI-  
CAS, PERFUMARIAS E ACESSÓRIOS  
DE FARMÁCIA.

Grande «stock» de todos os produtos

**Corrêa & Cardoso, L.<sup>da</sup>**

Telefone 82442

BARCELOS

**Agentes em Portugal dos motores a petróleo  
italianos CO.TIEME**Motores eléctricos, a petróleo e a gasoil de  
todas as potências.Pulverizadores motorizados e malhadeiras  
«ALCAIDE» de nosso fabrico.

Todas as máquinas e utensílios para a lavoura.

Instalações de alta e baixa tensão, bem como  
todr a aparelhagem electro-doméstica.Frigoríficos BAUKNECHT e GENERAL  
ELECTRIC • Televisores NORDMEND  
e CROSLY.

Distribuidores em Barcelos e concelho do GÁSMOBIL

# ANTOLOGIA DA POESIA RELIGIOSA PORTUGUESA — Século XIX

## CRUCIFIXO

—Minha mãe, quem é aquele  
Pregado naquela cruz?  
—Aquele, filho, é Jesus. . .  
É a santa imagem dele!

—E quem é Jesus?—É Deus!  
—E quem é Deus?—Quem nos cria,  
Quem nos manda a luz do dia  
E fez a terra e os céus;

E veio ensinar à gente  
Que todos somos irmãos,  
E devemos dar as mãos  
Uns aos outros irmãmente!

Todo amor, todo bondade!  
—E morreu?—Para mostrar  
Que a gente pela verdade  
Se deve deixar matar.

*João de Deus*



## NA MÃO DE DEUS

Na mão de Deus, na sua mão direita,  
Descansou afinal meu coração,  
Do palácio encantado da Ilusão  
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortais, com que se enfeita  
A ignorância infantil, despojo vão,  
Depus do Ideal e da Paixão  
A forma transitória e imperfeita.

Como criança, em lóbrega jornada,  
Que a morte leva ao colo agasalhada  
E atravessa, sorrindo vagamente,  
Selvas, mares, areias do deserto...

Dorme o teu sono, coração liberto,  
Dorme na mão de Deus eternamente!

*Antero de Quental*

## A NOSSA SENHORA

Ó mística mulher, nascida na Judeia,  
Fantasma espiritual da legenda cristã!  
Imperatriz do Céu, que para Além se alteia,  
A Nação de que a Terra é uma pequena aldeia,  
E simples lugarejo a Estrela-da-Manhã!  
Morena aldeã dos arredores de Belém!  
Mãe admirável! Mãe do Sofrimento humano!  
Mãe das campinas! Mãe da Lua! Mãe do Oceano!  
Ó Mãe de todos nós! Ó Mãe de minha Mãe!  
Vela do Altar! Casa de Oiro! Arca de Aliança!  
Rede do Pescador! Lanterna do ceguinho!  
Ó meu primeiro amor! Minha última Esperança  
Amparo de quem vai pela existência, e cansa!  
Oblação pura! Silva de ais! Vela de moinho!  
Meu Sete-Estrela! Mar de leite! Meu Tesoiro!  
Palácio de David! Ó Torre de Marfim!  
Anjo da Perfeição! cujo cabelo loiro,  
Caído para trás, lembra uma vinha de oiro,  
Que eu desejara ver aos cachos sobre mim...  
Grão das searas! Sol de Abril! Luar de Janeiro!  
Luar que ruge os cravos, sol que faz corar a vide...  
Alimento dos Bons! Farinha do moleiro!  
Auxílio dos cristãos! Vela do marinheiro!  
Porta do Céu! Glória da casa de David!

Sol dos sóis! Âncora ebúrnea! Águia do Imenso!  
Vinho de unção! Pão de luz! Trigo dos Eleitos!  
Ideal, por quem, a esta hora, em todo o mundo, eu penso,  
No Ar se ergue, em espirais, um nevoeiro imenso,  
E desgraçados, aos milhões, batem nos peitos...  
Ó Fonte de Bondade! Ó Fonte dos meus dias!  
Vaso de insigne Devoção! Onda do Mar!  
Coroa do Universo! Asa das cotovias!  
Ogiva ideal! Causa das nossas alegrias!  
Ó Choupo santo! Ó flor do linho! Ó nuvem do Ar!  
Carne, de Cristo! Cidadela de altos muros!  
Santuário de Fé! Lancha de Salvação!  
Alma do Mundo! Avó dos séculos futuros!  
Fortaleza da Paz! Via-Láctea dos Puros!  
Monte de Jaspe! Rosa mística! Alvo Pão!  
Sangue do leal Jesus! Cadeira da Verdade!  
Vime celeste! Água do Mar! Pérola Única!  
Mulher com vinte séculos de idade  
E sempre linda mocidade  
Pelas ruas do céu, passas, cingindo a Túnica...  
Cesto de Flores, Advogada Nossa!

Álveo de espuma! Cotovia dos Amantes!  
Escada de Jacob! Sol da Sabedoria!  
Rainha dos Mundos! Pão nosso de cada dia!  
Ó véu das noivas! Ó Farol dos navegantes!  
Ó Leme da Arca-Santa! Ó Cruz dos sítios ermos!  
Toalha de Linho! Hóstia de luz! Cálice da Missa!  
Modelo de Pureza! Espelho da Justiça!  
Estrela da manhã! Saúde dos enfermos!  
Ó Virgem Poderosa! Ó Virgem Clementíssima!  
Ó Virgem Sofredora! Ó Virgem Protectora!  
Ó Virgem Piedosa! Ó Virgem Perfeitíssima!  
Virgem das Virgens! Minha Mãe, Nossa Senhora.

*António Nobre*

## Ruy de Lacerda & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

+  
 PRODUTOS PARA A INDÚSTRIA  
 TÊXTIL—PLÁSTICOS—CORANTES  
 PIGMENTOS—MÁQUINAS INDUS-  
 TRIAIS

TELE { fone: 65411  
 gramas: RULAC  
 Telex: 2778

Rua Júlio Dinis, 936

PORTO

## SERVES

SOCIEDADE DE FIAÇÃO E TECIDOS  
 DE SERVES, L.<sup>DA</sup>

Telefones 93441-93442

RIBA D'AVE

PEDOME

Vila Nova de Famalicão

**DDMMATEV**  
 PRODUTOS E MÁQUINAS TÊXTEIS, L.<sup>DA</sup>  
**I R U I I I H I E A**

Telefones 64173/4/5 P. P. C.

Rua do Campo Alegre, 606

PORTO

## Fábrica de Botões «PORTO»

Abílio Campos Tavares

Rua da Póvoa, 604 — PORTO — Telefone 52549

Material para Botões forrados — Botões e emblemas  
 para fardamentos militares e civis — Estojos para  
 batons — Caixas para rouge — Ilhós para calçado —  
 Velas — Encerados e vários artigos em metal e plástico  
 para perfumarias e diversos.

AGENTE EM LISBOA:

Agostinho Nunes da Costa

Rua da Trindade, 5-1.º — Sala C — Telefone 34987

SUB-AGENTE EM LISBOA:

Ferrão & Carneiro, L.<sup>da</sup>

Rua do Regedor, 7 (Ao Cldas) — Telefone 865208



# Poesia Religiosa do Século XX

## NATAL

SÉCULO XX

*Turvou-se de prenumbra o dia cedo;  
Nem o sol espartou no meu beiral!  
Que longas horas de Jesus! Natal...  
E o cepto a arder nas cinzas do brasedo...*

*E o lar da casa, os corações aos dobres,  
É um painel a fogo um seu costume!  
Que lindos versos bíblicos, ao lume,  
P'lo doce Príncipe cristão dos pobres!*

*Tulvas figuras pra esculpir um barro;  
À luz da lenha, em rubro tom bizarro,  
Sou em Presépio com meus pais e irmãos.*

*E junto às brasas, os meus olhos postos  
Nesta evangélica expressão de rostos,  
Ergo em graças a Deus as minhas mãos.*

AFONSO DUARTE

## PADRE NOSSO

SÉCULO XX

*Quando as ideias mais belas vieram,  
Como, entre sombras, pássaros de luz,  
Repete as cinco letras que disseram,  
— Jesus...*

*Mas nunca dês a tentação por finda  
Ou por curada a chaga onde houve pús  
E diz (antes que a onda volte!) ainda:  
Jesus...*

*Nem que a fortuna grite que hoje és forte,  
Guarda essa força, para erguer a cruz  
E diz, então, lembrando-te da morte:  
— Jesus...*

PEDRO HOMEM DE MELO

## LEIS DE TRABALHO

**E**NTROU em vigor, no dia 1 do passado mês de Janeiro, a nova legislação que integra o contrato individual do trabalho.

Aí, se exararam os deveres, direitos e garantias das partes:

A nova legislação em pouco alterou a anterior, mas contudo forçoso é assinalar as alterações mais profundas, e assim, no capítulo de férias, encontramos-nos actualmente abrangidos pela seguinte situação:

Primeiro: — anteriormente operários ou empregados independentemente das suas faltas ao serviço, desde que se apresentassem ao trabalho, teriam direito a gozar férias. Actualmente, tal situação já não é possível. Só tem direito a gozar férias quem tiver tido efectividade de serviço no ano anterior.

Os menores de 16 anos, terão mais dias de férias que os menores de 18 anos, e todos os outros terão mais ou menos dias de férias, conforme tenham mais ou menos tempo de casa.

Penso, que convém esclarecer aqui uma dúvida que tem surgido frequentemente. O direito ou não, ao subsídio de férias. O Subsídio de férias, somente é conferido a quem tiver direito às férias, todos aqueles que, não se encontrarem legalmente habituados à concessão de férias, não terão, por via de regra, direito a qualquer subsídio.

E, isto no concernente a todos os que se encontrem abrangidos por diplomas que concedam tal mercê, pois contratos há que não admitem a concessão de qualquer subsídio e, portanto, desnecessário será focar tal situação.

Outro capítulo em que, a nova Lei introduz alterações é no capítulo de faltas. As faltas têm que obrigatoriamente ser justificadas, pois caso contrário serão passivas de sanções disciplinares que pode, inclusivamente, levar ao despedimento do infractor. E, note-se que a Lei somente considera justificadas, as faltas por doença, serviço militar, serviços em organismos corporativos e as faltas motivadas pelo falecimento dos familiares designados na Lei. Todas as outras são injustificadas, a não ser que tenham sido devidas a um motivo de força maior e que a Entidade Patronal o

## Bibliotecas Itinerantes

### Fontes de Cultura

*De há muito que em Portugal, por feliz iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian, se faz a dispersão do livro por intermédio das bibliotecas itinerantes.*

*A acção das suas bibliotecas é, sem favor, frutuosa e animadora.*

*Das incompreensões iniciais, surgiram, agora, as melhores reacções de aceitação.*

*O livro, como toda a gente bem informada sabe, é o veículo mais actual e válido da cultura moderna. Por esse facto, o povo português já está devidamente orientado e bem sabe o alto alcance intelectual que pode encontrar no livro.*

*Os livros que as bibliotecas emprestam são todos referenciados por assuntos, levando na lombada uma tarja que o condiciona à idade e cultura do leitor.*

*Por esse facto as bibliotecas itinerantes são faróis sublimes para a cultura da gente das aldeias e vilas do país, onde, até então, não era possível o afluxo de livros periodicamente renovados.*

*Além disso as bibliotecas itinerantes emprestam, todos os anos, centenas de livros de estudo a leitores pobres.*

*É um benefício que transcende as pequenas possibilidades dos leitores menos afortunados.*

*Por tudo isto, as bibliotecas itinerantes, merecem hoje o apoio de todas as pessoas de boa formação e compreensão, pois são forças positivas a bem duma sociedade que, a pouco e pouco, se vai valorizando.*

*Um livro é um pedaço de universo.*

*Ler um livro é viver esse universo, pleno de cultura, de amor e fraternidade.*

*.....*  
*aceite como tal, ou então aquelas que, a entidade patronal, já previamente havia autorizado.*

*Muitos outros pontos havia a focar de interesse comum, mais propriamente para quem, como nós, se encontra ligado por um contrato de trabalho, mas tenho fé que, o nosso Boletim adquira embalagem e nos possibilite uma troca de impressões mais amiudadas.*

DANIEL CERQUEIRA

## JOÃO MANUEL LOPES DE BARROS, L.<sup>DA</sup>

DROGAS E PRODUTOS QUÍMICOS INDUSTRIAIS

AUXILIARES PARA TODA A INDÚSTRIA  
TÊXTIL • VIDREIRA • SABÕES • LACTICÍ-  
NIOS • CHAPELARIA • CURTUMES  
• PERFUMARIAS, ETC.

Rua António Cândido, 166  
TELEFONE 4-6046  
PORTO

END. TELEG.  
«Jonolopes»

Apartado  
145

# Filor

*Fios para Tricotar*  
*Fios para a Indústria*  
*de Malhas*

MORTÁGUA

Telefone 92204

## GRAFOPEL

MONTEIRO & BARQUINHA

SEDE (Head Office): RUA DE TÁNGER, 1304 A 1312—PORTO-PORTUGAL  
TEL. 680131-684382—END. TELEG. (CABLE) GRAFOPEL-PORTO

FILIAL (Branch): RUA CASTILHO, 201-B—LISBOA—TELEF. 653730



MÁQUINAS  
PAPÉIS

ACESSÓRIOS  
PARA A

TINTAS  
TIPOS

INDÚSTRIA  
GRÁFICA



REPRESENTADAS

AB. PRINTING EQUIPAMEET  
Máquinas Offset

ETELIA  
Máquinas de Compor

POLYGRAPH EXPORT  
Máquinas Offset

FLOTTWEG  
Material de Imposição Tipográfica

COMO MASKIN AB  
Guilhotinas

C. CONRADTY  
Carvões para Fotogravura

MUSSANO & SISTO  
Máquinas Tipográficas

FONDERIE BAUER  
Tipos e Laminário

HERMANN AUPING  
Máquinas de Dobrar

SAMUM  
Papéis Couché

HANS MÜLLER  
Máquinas de Coser a Arame

CERUTTI  
Máquinas para Rotogravura

COMEXI  
Máquinas flexográficas

## CARTONAGEM

# A Fluminense

*Embalagens para todas*  
*as aplicações*

*Tubos para enrolar Tecidos*

Telefone 25372

Rua Dr. Alves da Veiga, 205

PORTO

# Evocação Lírica da Apúlia

Por ANTÓNIO BAPTISTA

## Nota explicativa

**O** opúsculo que o leitor vai ler é apenas um testemunho — e bem singelo — do muito que queremos à Apúlia e à sua gente.

Pensamos, inicialmente, fazer profundas e demoradas prospecções para desenharmos uma pequena monografia sobre a Apúlia onde reencontrássemos o seu passado e presente, sua origem longínqua, seus costumes, suas festas cíclicas, numa palavra: a sua história.

Esse trabalho, além de útil, seria interessante e proveitoso não só para aqueles que gostam de assuntos históricos e etnográficos, mas também para todos os apulienses dispersos e radicados nas mais diversas latitudes do globo.

Considerando que, para fazer esse trabalho teríamos de dispendir precioso tempo e verificando que a geografia e história da Apúlia já se encontram escritos, com mais ou menos pormenores, em dicionários enciclopédicos, resolvemos — sem pretensões — evocar as belezas duma praia que é, sem favor, das mais belas do Norte de Portugal e se identifica e reconhece na pacatez dos que a procuram e nela encontram o sossego e a tranquilidade para o corpo e para a alma.

Mas uma monografia da Apúlia para ser honestamente feita terá de descrever um pouco do essencial da sua história e geografia, das suas tradições, dos seus costumes, das suas festas cíclicas e sobretudo e principalmente, da vida e da luta dos pescadores, com as suas horas altas e os muitos momentos de inquietação e dor.

Diremos, portanto, um pouco de tudo mas principalmente da Apúlia dos nossos dias, com suas belezas naturais, sua poesia, a faina dos sargaceiros e o deslumbramento da praia, a situação, delimitação e aspecto e formação, que se renova e engrandece em Cedovém. As suas areias, de grão fino, prolongam-se em montes enormes, que o vento faz cirandar caprichosamente.

O mar... sempre o mar, será a estrofe perene, diremos sublime, que evocamos nos aspectos lírico e heróico dum povo que se movimenta e desdobra ora na terra ora nas ondas.

Os pescadores serão os personagens principais deste meu trabalho pois são os melhores servidores da vida local.

Em barcos simples e frágeis rumam ao mar como satisfação e dever e, depois, regressam para se prolongarem no amanho das terras, que, dia após dia, transformam e engrandecem.

Convidamos o turista a demorar-se um pouco na praia da Apúlia.

Quantas vezes ele procura nos museus material de arte que o ajude a valorizar-se, na Apúlia terá, em profundidade e extensão, um maravilhoso museu natural: o mar. E ao lado, bem junto dele, como miraculosa coincidência, o material vivo, humano puro e rude, destemido e bravo, excepcionalmente valoroso e crente: o pescador.

Tentaremos, em poucas páginas, dizer algo de útil e proveitoso sobre a situação da Apúlia.

Que o leitor inteligente saiba compreender os nossos propósitos, que se traduzem, tão pura e simplesmente, em arrancar do esquecimento os valores estéticos, morais e a coragem dum povo que não verga e não quebra e, por isso mesmo, merece a sua dignificação.

♦ ♦ ♦

**A** PÚLIA, a praia onde o sol encanta e onde os sargaços lembram farrapos vítreos, tem uma situação privilegiada e, por isso mesmo, é uma das mais belas e apetecíveis praias do Norte de Portugal.

Quem segue da Apúlia para Fão encontra Cedovém, a praia esplendorosa, recatada e simples, onde alguns barcos de pescadores lembram a epopeia renovadora do oceano.

Cedovém, prolongamento da Apúlia, conseguiu alterar a sua quietude e primitivismo prolongados, sem deixar de manter ainda, uma singeleza paradisíaca.

As suas cabanas, que são pequenos relicários duma história não muito distante, continuam a marcar uma presença, recordando que era ali, nessas edificações rústicas, que se guardavam e ainda guardam os aprestos dos que vão e regressam do mar.

Algumas foram-se enquadrando na mobilidade transformadora que se vai operando ao longo da nossa costa. E assim, a arte e o bom gosto aliados, fizeram delas — sem lhes macularem a traça primitiva — autênticas padrões de requintado bom gosto.

Essas pequenas edificações, sem perderem o cunho primitivo, servem hoje de cenário etnográfico ao areal enorme, que o vento, caprichosamente, renova e modifica a cada passo.

Mãos carinhosas souberam salvar algumas dando-lhes conforto interior e ornamentando-as com os aprestos do mar, com motivos da flora e fauna atlântica. Exteriormente prevalece e deverá prevalecer sempre a lousa xistosa.

Esses padrões, símbolos ainda duma gesta de ignorados marinhos e lavradores, continuarão a persistir como indispensáveis.

É de lamentar que alguns responsáveis não queiram compreender o valor etnográfico que as cabanas representam.

Da Apúlia, ontem como hoje, os barcos partem e dentro, embalados na sinfonia das ondas, os pescadores riscam no oceano o poema que se renova em esperança, inquietação, ansiedade e boa sorte: Que voltem... e bem.

Cada barco leva um nome e cada nome traduz o seu mistério, a sua vida e a problemática duma força que se realiza numa promessa, que de minuto a minuto se renova... trazer peixe, que o mesmo é dizer fartura.

É assim o oceano e são assim os seus homens, os pescadores da Apúlia e Cedovém.

O mar é a esperança e o mistério; e os homens, pescadores ou sargaceiros, são vontades incontidas e indomáveis, que se exaltam e completam na renovada libertação de riscar as ondas e buscar do mar o argaço com a ajuda do ganha-pão, da fouchinha, da ganchorra e da graveta.

Ou ir mais além, em busca da pesca, da sardinha, como condição fundamental para a sua sobrevivência. Tudo isto constitui um poema onde a pluralidade dos sentidos, dos anseios, e do seu próprio sangue se realiza.

Tudo é simples, tudo é calmo, tudo nos fala do oceano e da sua gente, com suas inquietações, seus anseios, seus complexos problemas e, quantas vezes, também, das suas incomensuráveis tragédias.

É o mar... sempre o mar... essa miragem sublime dos olhos e da alma onde os pescadores apulienses cumprem a sua missão sem tremer e rezam como imperativo comum e indispensável para se realizarem.

Os sargaceiros, essas figuras características na sua indumentária inspirada nos guerreiros romanos, dos mesmos que fun-



daram a Apúlia, são os combatentes das ondas. E dia após dia, pacatamente, vão amontoando o sargaço (argação) que, depois de seco e escolhido, terá vários destinos.

Esse argação brilhante, semeador de grandeza, é uma fonte promissora de fartura, implicando mais e sempre o chamamento do mar.

Há uma submissão imperiosa à vontade das ondas; uma aproximação que bem podemos exprimir nesta quadra:

*Ô sargaceiro da Apúlia,  
A tua vida é o mar,  
As ondas rolam baixinho  
P'ra melhor t'embalar.!*

E a poesia da Apúlia continua nos moínhos. As suas velas lembram lenços a dizer adeus, um adeus caprichoso, exclamativo. Elas vão dançando ao som do vento, nas horas de mar revolto, lembrando poemas que se renovam e transformam em histórias de marinheiros e pescadores, que as crianças gostariam de ler com heróis e fadas.

Tudo é policromo e ingénuo, tudo nos moínhos, desde as velas aos eixos, e dar mós aos arranjos modernos, se impõe e perpetua como cenário gritante e imprescindível da Apúlia e da sua boa gente.

Poderemos sintetizar os moínhos nestas singelas quadras:

*Moinhos feitos de amor,  
Que o sol beija castamente,  
Sois a luz, sois o calor  
Deste mar e desta gente.*

*Os moínhos são brinquedos  
Feitos de velas a andar  
Onde o sol deixa segredos  
Que os ventos sabem guardar.*

## A apanha do Sargaço ao entardecer

**H**OMENS e mulheres, todos tisonados pelo sol, numa luta incontida, com os seus aprestos iam perfurando o mar para dele arrancarem o sargaço que amontavam numa cadência pacificadora.

Pais, filhos, rapazes e raparigas, com as suas indumentárias, num ritmo calculado levavam nas carrelas montes de sargaço que dispunham, uniformemente, ao longo da praia.

O Sr. Zacarias, o Sr. Manuel e tantos outros, certos e confiados na fartura que o mar lhes dava, iam aproveitando.

Era uma azáfama constante. Pareciam formigas emergindo das ondas, cada qual com o seu ganha-pão cheinho de sargaço.

— Então que tal, Sr. Zacarias? — O mar está de feição... e o sargaço é o nosso adubo.

E cada grupo familiar enchia as carrelas. Depois, um à frente e outro atrás, levavam-nas cheias de sargaço que despejavam formando montes alinhados. — Esta linha é do Sr. Manuel e aquela é do Sr. Zacarias.

No dia seguinte, ao longo da praia, o sargaço era estendido para que o sol, um sol resplandecente, o viesse secar. Uma vez seco será novamente amontoado e guardado para servir, depois, para adubar as terras, algumas pequenas courelas de pequenos proprietários, retalhos verdes a desabrochar nos areais para encher os olhos de uma beleza que termina nas filas dos pinheiros.

Toda a praia é geomètricamente aproveitada para servir o sargaço. Apenas ficam uns caminhos, muito estreitos, lembrando fitas de aguarela amarelada.

No dia seguinte era domingo. Um domingo de sol. As coisas tinham uma vivência maior.

E os sargaceiros, mesmo com seus fatos de ver a Deus, não deixavam de vir para a praia. Havia nos seus rostos tostados uma nostalgia pelo longe e pelo céu. De quando em vez olhavam a safira do firmamento e como força dominadora, fixavam-se horas a fio a olhar o mar. E olhando-o, como força inexorável, sentiam como que uma espécie de chamamento, de rogo, que, de geração em geração, persiste como força dominadora de «meter o mar nas terras».

O sol, numa poalha doirada, ia tombando no horizonte.

Todos, eles e eu, olhávamos este pôr de sol que, pela magia de cor, teve qualquer coisa que se fixou nas nossas retinas, havia nele uma beleza invulgar.

O escurecer tornou-os melancólicos. Ouvia-se agora mais forte o vento e o marulhar das ondas.

— Boa noite. E lá foram para os seus tugúrios para no dia seguinte voltarem como força pacificadora a que não poderão furtar-se.

Sempre assim foi e será enquanto o mar der sargaço. Continuarão a viver nas suas cabanas, confortados com o que o mar lhes dá e a sentirem, sem uma blasfémia, o seu destino, que já foi o dos seus pais e será, certamente, o dos filhos dos seus filhos.

Alguns partiram para França, também eram trolhas, pedreiros, etc., mas o chamamento do mar obriga-os, quantas vezes, a voltarem.

E quantos deles regressam para nunca mais deixarem estes pnhadros de areia que as ondas vão beijando numa sinfonia de sempre e que bem poderemos exprimir nas seguintes quadras:

*O sargaço vive no mar  
E a urze vive nas serras,  
Cada qual tem o seu par  
Na sinfonia das terras.*

*Nas ondas que o mar nos dá  
Surge o sargaço encantado,  
São farrapos de fartura  
Dum sonho sempre molhado.*

*Cada monte de sargaço  
Que o ganha-pão amainou  
Tem a alma deste povo  
Nas ondas que o mar deixou.*

## Utensílios para apanha do Sargaço:

- 1) GRAVETA
- 2) GANCHORRA
- 3) CARRELA
- 4) FOUCINHÃO
- 5) GANHA-PÃO
- 6) ARRASTÃO
- 7) ENGAÇO

## SARGASSUM — SARGAÇO OU ALGA DO GOLFO

«O nome deriva do termo português sarga, que significa «uva», pelo facto de as suas vesículas que dão flutualidade à planta, terem a forma de uva.

«Além da sua beleza, algumas têm também valor comercial como fonte da substância conhecida pelo nome de ágar-ágar, utilizada como substituto da geleia, para constituir meios de cultura de bactérias, e (mais comezinho) como laxativo.»

Além do mais os sargaços têm outras e variadas aplicações, quer na química quer na agricultura.



## O RANCHO FOLCLÓRICO

**A**O escrevermos sobre o rancho da Apúlia, temos de tentar dizer algo sobre as suas danças caracteristicamente populares, e empregnadas dum sabor regional, que o mar soube emprestar-lhes.

Temos de considerar que é o aspecto físico e geográfico que determinam caracteres, tradições locais, etc., etc.

Ora sendo a Apúlia uma parcela do Minho, foi nesta província que hauriu a influência alegre, bem ritmada, plena de movimento e vida dos seus dançares que, ao longo do tempo, soube harmonizar em colorido, e música.

Segundo conceituados críticos, o rancho da Apúlia, dança as suas próprias modas, com seus defeitos e belezas, seus contrastes plenos duma agitação ritmica invulgar, que o traje, longinquamente romano, prende a uma tradição superior. As suas danças consistem na libertação do tédio, do esgotamento psíquico, das canseiras do mar e da faina agrícola. No rodopio da dança há a libertação do cansaço.

Há uma tradição que se alonga numa aliança criadora com o mar e o céu e a terra.

O rancho em movimento elucidará o leitor, pois abrange uma série de gerações que deixou no tempo o seu significado, o seu ritmo, a sua beleza, a sua poesia e a manteve até hoje.

Temos de aceitar que a música, o ritmo e a arte, possuem uma ordem ideal, a qual, tantas vezes, é modificada um pouco pela introdução de novos ritmos, novos processos e, até, influências excêntricas importadas de festas e romarias recentes.

Mas é neste mar de emoções rítmicas «que o povo executa numa pura expressão pessoal e bem característica o seu folclore autêntico.»

Não nos interessa de todo a perfeição rítmica. A crescente ansiedade de total perfeição é um sinal de mesquinhez.

Interessa e importa substancialmente vitalizar o conjunto artístico em obediência a uma tradição e ao bom nome da Apúlia. O bom êxito do rancho, será um enriquecimento da cultura popular, que o mesmo é dizer do folclore local, havendo, assim possibilidades de o difundir e acreditar como autêntico.

Cabe ao ensaiador servir-se da tradição e do passado, da linguagem do presente e daquela em que está mais familiarizado.

Se o vira é uma das mais antigas danças populares portuguesas e se no ponto de vista musical o fandango é bem semelhante ao vira, porque não dar liberdade consciente de interpretação?

Embora na Nazaré e no Ribatejo se dance o vira de maneira diferente da do Minho, ambos continuarão a ser viras e ambos têm a sua beleza, correspondendo cada qual ao mundo influente que o rodeia, inspira, o aceita, o aplaude.

Embora não faça parte dos meus intentos dar uma imagem integral e abrangente de todos os tipos de danças e cantares do rancho da Apúlia, não deixarei no entanto de ouvir, com acrisolado interesse, alguns pormenores elucidativos e esclarecedores.

Como o rancho da Apúlia também tem a sua história desejamos procurar alguém que, de boa-vontade, no-la contasse. Encontramos a filha do fundador do rancho, D. Laurentina Torres Losa Faria que, prontamente, desejou colaborar comigo. Bem haja pela gentileza.

Num testemunho singelo da minha admiração, dedico ao rancho da Apúlia estas quadras e oxalá que cada apuliense veja nelas a minha renição aos encantos da linda *Praia do Sol*.

*Dançar contigo?... Mas não!  
Eu danço com o meu amor,  
O meu amor não é rico,  
Mas é bravo... é pescador.*

*Rapazes e raparigas,  
O barco que vai p'ro mar  
Leva o Tonio das cantigas,  
Rezemos p'ra ele voltar.*

*Ó dançarino da Apúlia!  
Desta terra e deste mar,  
Dança comigo nas ondas  
É mais belo esse dançar*

*O amor nasce no peito  
E as ondas no mar profundo,  
Pescador dança com jeito  
Repara na voz do mundo.*

### Composição do Rancho dos Sargaceiros de Apúlia

#### PRESIDENTE

Manuel Laurentino Losa Faria

#### DIRECTOR ARTISTICO

Prof.<sup>a</sup> D. Laurentina Veloso Fernandes Torres

#### COLABORADORES ARTÍSTICOS

Manuel Rodrigues Ferreira  
Anselmo Pereira da Fonseca

#### TOCATA

Avelino Fernandes Filipe  
António Rodrigues Mano  
Zacarias Barbosa Rodrigues  
Manuel Lopes Tomé  
Anselmo Pereira da Fonseca  
José dos Santos Fonseca  
Manuel Gonçalves do Vale  
Manuel Alves Pereira da Silva Júnior  
Adriano Lopes Alves Pereira

#### DANÇADORES

Crispim Alves Reina  
Emílio Fernandes Filipe  
Manuel Devesa Dias Moreira  
Manuel Devesa  
António Tomé Gomes Devesa  
Cândido Augusto Filipe  
Gaspar Martins Carvalho  
Armando de Almeida Boucinha  
Alberto Cândido Filipe  
Martinho Fernandes da Fonte

#### DANÇADEIRAS

Maria Alexandrina Martins Rodrigues  
Maria da Conceição Martins Rodelo  
Maria de Lourdes dos Santos Fonseca  
Maria Celestina Agra do Paço  
Márcia dos Santos Alves Reina  
Margarida Ferreira da Fonseca  
Ondina de Sousa Ferreira  
Encarnação de Sá Ribeiro  
Alexandrina de Sá Ribeiro  
Maria Angélica Devesa Moreira  
Eugénia Agra Filipe  
Maximina do Vale Fragoso  
Maria José Eiras Filipe  
Maria dos Anjos Veloso Ferreira

#### FUNDADOR

António Fernandes Torres

A. BAPTISTA

## A BARCELOS

*Cidade do Alcaide em pergaminhos feita!  
Cidade de Barcelos tão linda e feiticeira!  
De pedras seculares mostrando a verdadeira  
História altissonante dos feitos que a enfeitam!!!*

*Se o Minho é o jardim de Portugal inteiro  
Barcelos certamente do Minho é primazia...  
Em flores que perduram em extática harmonia  
Nas súplicas de amor de leal jardineiro.*

*E o rio que se perde em longas caminhadas,  
É um poema mágico na voz das lavadeiras,  
Nas roupas estendidas, em longas passeadeiras,  
Matizando de branco as areias doiradas...*

*O milagre das Cruzes é sempre recordado...  
E Barcelos revive, com terna devoção,  
A data imortal da doce tradição  
Que em Maio se festeja com brilho desusado.*

*Cidade de Barcelos onde aprendi a amar!...  
Cidade dos meus sonhos... tão altos e dolentes,  
Com brisas que eu beijara em noites de luar  
Até amanhecer em gritos estridentes...*

*Terra de encanto e amor da gente portuguesa,  
Que o Minho encantara com fé e simpatia...  
Ó cidade do Cávado em perfis de beleza!...  
Ó cidade de heróis de tanta valentia!...*

Antónia Baptista

# Sociedade Teixeira de Melo & Filhos, L.<sup>da</sup>

RONFE — GUIMARÃES

FIAÇÃO ❖ TECELAGEM ❖ ACABAMENTOS

MOUSSE

*Helanca*®

PANO DE LENÇOL

*Somelos*®

Apartado: 52

Telefone: 42134

Teleg.: SOMELOS

Telex: 2613 SOMEL P

Est.<sup>os</sup> J. C. Andrade & C.<sup>a</sup>

S. A. R. L.

Rua de Grijó, 136-164 — PORTO

Telef. 690061 (12 linhas)

**Importadores e Armazenistas de:**

Drogas e Produtos para todas as indústrias  
Corantes — Pigmentários — Matérias Plásticas

**Distribuidores Gerais de:**

Indústrias Químicas Synres Portuguesa, S. A. R. L.  
Resinas Sintéticas — Plastificantes, etc.

**Representante do Norte da:**

COPAM — COMPANHIA PORTUGUESA DE AMI-  
DOS, S. A. R. L. — AMIDEX, L.<sup>da</sup>  
Amidos — Féculas — Dextrinas — Glucoses, etc.

**Máquinas para as Indústrias de:**

Plásticos — Curtumes — Tintas e Vernizes  
Borracha — Papel

**Quimitex, L.<sup>da</sup>**

Telefone 970675

*Produtos auxiliares e  
corantes para a in-  
dústria têxtil, papel  
e curtumes.*

LARGO HERÓIS DA PÁTRIA, 33

AREOSA

PORTO



# PAGINA FEMININA

## AMOR DE MÃE

Por Ercília Novais Machado

### Divagando...

Por MARIBEL

QUANTAS vezes perguntará a si próprio o ser humano se será capaz de fazer determinada coisa na vida? Quanto será difícil saber reger os seus próprios passos, responsabilizar-se pela sua conduta, construir a sua vida, ter coragem para continuar ou desistir nos momentos mais críticos, ter a noção exacta do que está certo ou errado? Certamente que não existirá ninguém a quem todas estas perguntas não o tenham preocupado, ou até contribuído para longas noites de insónia e desassossego.

Numa manhã em que o sol parecia brilhar mais do que o costume, o cheiro da Primavera ser mais intenso e consolador, as pessoas serem mais amigáveis e confiantes, a menina mimada, que ninguém podia conceber com coragem suficiente para deixar a casa paterna, perguntava a si própria se a sua decisão em abalar para novas terras e para um mundo diferente do que tinha sido o seu até então, iria trazer algum proveito para ela mesma. É que havia um grande desejo dentro de si de mostrar ao mundo que a rodeava e que ela tinha idealizado, que seria capaz de enfrentar essa aventura, de cavalgar nessa vida estranha, que se lhe deparava, de resolver os problemas surgidos com naturalidade e sabedoria, de ganhar coragem para fazer nascer em si a verdadeira mulher.

Elle nessa manhã, sem mais ajuda que não fosse a sua audácia, sem mais intenso a não ser a sua coragem enorme de vencer, confiando em tudo e em todos, aí temos de sorriso nos lábios afirmando aos quatro ventos que, se há humanidade má, essa não estava ali, nem nela própria, nem a concebia dentro dos novos seres que iriam fazer parte de todo o seu novo mundo, que seriam afinal o seu novo lar, os seus novos amigos, os seus novos companheiros.

O «Fog» londrino, as casas altas e escuras, os chapéus de coco, o ar aprumado do «gentleman» inglês, desapontam-na, mas dão-lhe também força para ir mais longe, e para tentar saber o que estará por detrás daquele ar frio e distante. Sente-se perdida no meio de toda aquela confusão, mas apelando para a sua força de vontade esquece o seu desapontamento.

(Continua na página seguinte)

O amor maternal é, na escala animal superior, o que mais assemelha a Mulher às outras fêmeas. Os filhos constituem a razão de ser da sua própria vida. Entre os animais, não raras vezes acontece que as fêmeas dão o seu sangue em defesa do pequeno ser que fez parte do seu corpo. Matam e são mortas para salvar os filhos.

Na Mulher, o instinto alia-se à razão para dar origem ao mais belo sentimento humano: o amor de mãe. Cantado por poetas e immortalizado por romancistas, o amor de mãe é capaz dos maiores heroísmos.

Por outro lado, provou-se cientificamente que a sua falta está na origem, por vezes, das maiores aberrações humanas, cujas carências afectivas, frustradas na infância, endureceram indivíduos normais, predispondo-os para todos os crimes. Marcas profundas de falta de afecto maternal encontram-se em crianças e adolescentes cujos transtornos psíquicos enfermam o nosso mundo actual.

Os bebés são extremamente sensíveis à forma carinhosa ou irritada com que a mãe os trata. Acontece, na nossa excitante e cansativa vida moderna, nem sempre possuímos aquela calma tão necessária ao desenvolvimento normal dum criança de terna idade. Mas devemos saber que é tão importante para a sua saúde psíquica os carinhos e o afecto maternal, como para a sua saúde física uma alimentação cuidada.

Infelizmente, num mundo em intensa evolução, nem este maravilhoso sentimento humano foi poupado. Crimes nefandos, tristemente vulgares na nossa época, em que as mães matam os filhos — quer incompletamente formados (abortos) quer recém-nascidos — são geralmente perpetrados por mulheres, cujo estado psíquico, resultante de variados factores sociais que as rodeiam, está profundamente perturbado ou muito próximo da loucura.

Na verdade, só uma lamentável esquizofrenia pode destruir o que na mulher constitue a sua missão mais sublime. Pertence às instituições sociais auxiliarem-na neste crucial dilema, que a conduz às situações mais degradantes, inferiorizando-a na escala animal, reduzindo-a a um pobre farrapo humano, para quem foi negado o mais belo conceito que aquece o mundo, este frio mundo em que vivemos: o amor maternal!

Pertence às organizações feministas, hoje tão espalhadas por toda a parte, promoverem a educação maternal da Mulher em todas as classes, visto que em todas elas se manifestam casos de dolorosas consequências: quer para a sociedade — pois sempre que se comete um crime toda a sociedade fica mais pobre porque dele foi cúmplice — quer sobretudo para a Mulher, que assim vê diminuída, atrozmente, a sua dignidade no que ela tem de mais válido — o amor de Mãe!

## A Mulher de hoje e a economia moderna

Por Ercília Novais Machado

A vida moderna alterou profundamente as estruturas em que se desenrolava a antiga economia doméstica. A Mulher que dantes se ocupava estritamente da casa e dos filhos, vê hoje alargado o seu campo de acção para fora de casa, salientando-se em todos os ramos da actividade humana. Aumentaram assim grandemente as suas responsabilidades, que lhe têm merecido as mais discordantes opiniões. A verdade, porém, é que a Mulher nunca se elevou tanto no conceito de si própria, como agora. Com a maior admiração de quem as rodeia,

mulheres há que conseguem conciliar as tarefas domésticas, no papel de esposa e mãe, com o trabalho fora do lar. Difícil, por enquanto, para a maior parte; mas tenhamos a certeza de que a Mulher ganhará esta batalha por que luta há tantos séculos: 1.º logo que seja acessível a todos os lares a utilização dos electrodomésticos; 2.º — logo que instituições, tão eficientes quanto possível, auxiliem no tratamento dos filhos, durante as horas de trabalho; 3.º — logo que se criem, em seu favor, leis que não tornem o trabalho

(Continua na página seguinte)

## A Mulher de hoje e a economia moderna

fora do lar incompatível com a sua missão maternal, mas antes lhe dê noções completas do seu valor e da sua dignidade, como pedra angular neste edificio enorme que é a humanidade, e para o qual ela pode contribuir tão substancialmente como o Homem, realizando-se cada qual na sua esfera de acção. «Quem, melhor do que ela própria, pode defender dos interesses mesquinhos e instintos baixos a mulher ultrajada, nos arcópagos onde a sua voz se faça ouvir?»

«Que pode sentir como ela os magnos problemas da criança e da habitação, para os pôr à consideração dos legisladores e lutar pela sua execução efectiva e sem delongas? São-lhe acessíveis todos os ramos da cultura, do saber e da arte, por que não?»

Mas para já, para que a sua tarefa primordial não seja menosprezada, são-

lhe necessários mais conhecimentos sobre economia doméstica, que permitam à Mulher moderna resolver os seus problemas de dona de casa e mãe, com o menor desperdício de energias e com o maior aproveitamento de tempo.

Entre nós, estes conhecimentos são ainda muito rudimentares, e daí a grande dificuldade que tem a mulher portuguesa em conciliar todas as suas actividades sem fadiga, e com o menor desperdício de tempo, dinheiro e sobretudo nervos, que vêm a reflectir-se negativamente na felicidade doméstica, sobretudo em meios onde falte tudo o que a poderia ajudar.

Deram-se já os primeiros passos, ainda que tímidos, para que a economia doméstica passe de conhecimentos rotineiros e empíricos a autêntica Ciência do Trabalho Doméstico, como na realidade é. Não obstante em todos os graus do ensino ser marcante o elemento feminino, são ainda facultativos estes conhecimentos, em lugar de fundamentalmente obrigatórios.

Terá de ser mais este, como tantos outros, um esforço apenas seu, para não desmerecer do epíteto de «rainha do lar» com que enfaticamente o Homem a coroou...

É preciso organizar e ordenar, dando uma certa lógica ao trabalho caseiro, a fim de que num lar todos os que o constituem, beneficiem dum clima de felicidade, para o qual todos podem contribuir. Assim como numa empresa há métodos a aplicar para um melhor rendimento do trabalho e do tempo, assim também no Lar — pequena empresa — é necessário que haja eficiência, isto é, produzir o máximo, com o mínimo de desperdício.

A aplicação de métodos em relação à organização familiar e em relação ao trabalho caseiro, a melhor utilização do dinheiro, a eficiência da aparelhagem doméstica, a divisão de tarefas pelos membros da família — tudo isto são conhecimentos inestimáveis para um melhor rendimento das actuais tarefas femininas.

Oxalá a Mulher portuguesa possa encontrar no caminho que já lhe foi aberto, a realização plena do seu sonho milenário: ascender onde o Homem chegou socialmente, sem deixar de ser Mulher e Mãe!

### CONSELHOS AOS PAIS

Segundo um inquérito feito a 100.000 crianças, elas próprias aconselham:

- 1 — Não vos zangueis diante de nós: pai e mãe.
- 2 — Tratai-nos a todos os irmãos com o mesmo afecto.
- 3 — Nunca nos digam mentiras.
- 4 — Sede indulgentes um para com o outro e perdoai-vos mutuamente: pai e mãe.
- 5 — Tende mais intimidade e camaradagem connosco.
- 6 — Recebei os nossos amigos como recebeis os vossos.
- 7 — Não nos castigueis nem repreendais diante das outras pessoas.
- 8 — Chamai a atenção mais para as nossas virtudes, do que para os nossos defeitos. Sublinhai o nosso lado bom e menos os nossos reveses e fracassos.
- 9 — Procurai responder sempre às nossas perguntas, ou aconselhai-nos quem nos possa responder com verdade.
- 10 — Manifestai-nos uma afeição e um amor sempre iguais.

MARIBEL

## CINEMA

### O Argumento Cinematográfico e a sua teoria

(um brevíssimo apontamento)

**D**EBRUÇADO sobre os valores que poderemos aceitar como consagrados e atento ao fenómeno cinematográfico contemporâneo, urge erguer, do aparentemente paradoxal, um novo conceito, na modernidade dum movimento universal, que se liberte da desagregação colectiva, do estrondo, direi melhor, da «legião de inadaptados».

Que os argumentos obedeçam, se possível, a uma estrutura em ordem cronológica bem determinada e social.

«Os argumentos usualmente submetidos às casas produtoras de filmes apresentam caracteres típicos. Quase todos consistem na narração primária de um determinado conteúdo, parecendo que os seus autores se preocuparam apenas em contar uma acção empregando quase só meios literários e tendo negligenciado inteiramente a maior ou menor medida em que o material que oferecem pudesse interessar ao tratamento cinematográfico».

Como se sabe toda a arte possui o seu método específico de apresentar o assunto, e isto é, naturalmente, também verdadeiro no que respeita ao cinema.

Começar a trabalhar num argumento, sem limitações de escolas, mas sem conhecer os métodos da realização, os meios da rodagem e da montagem dum filme, «é coisa tão louca como dar-se a um francês um poema russo em tradução literal.»

Ao concebermos um filme teremos de ter em linha de conta o seguinte: A planificação, a estruturação do argumento, o tema, a clareza do tema, o tratamento do tema, a concentração do material, o tratamento cinematográfico do assunto, a legenda, etc. etc. Um mundo de pequenos pormenores.

O argumento, como se sabe, divide-se em sequência e cada sequência divide-se em cenas. Por fim, cada cena é constituída com uma variedade de planos.

A montagem é a construção das cenas a partir dos planos.

«Nos primeiros anos da sua existência, o cinema não era mais do que uma interessante invenção graças à qual se podia reproduzir fotograficamente o movimento — faculdade vedada à pura e simples fotografia. No filme, era possível captar e fixar a aparência visível de todos os acontecimentos. Os primeiros filmes constituíam tentativas de registo, no celulóide, do movimento dum comboio, de transeuntes nas ruas, da paisagem vista desfilando pela janela do comboio, etc. Nas suas origens, portanto, o cinema não passava de fotografia viva».

Hoje no cinema podemos ver toda a realidade da vida, mostrando-se possibilidade técnicas extraordinárias. A produção dum filme obedece sempre ao seguinte rumo: o realizador recebe o argumento, estuda-o, submete-o, depois, ao seu pessoal para a elaboração de uma planificação de acordo com «as ideias e o material que o argumento lhe oferece, mas recriando tudo através da sua própria personalidade artística, conforme o seu estilo. O pensamento do argumentista é por ele traduzido para a sua própria linguagem».

(Continua na página 33)



**frixlene**

a elegância  
que ultrapassa...  
...os outros!



**TERYLENE**



UM PRODUTO DA EMPRESA INDUSTRIAL DE CARIDES

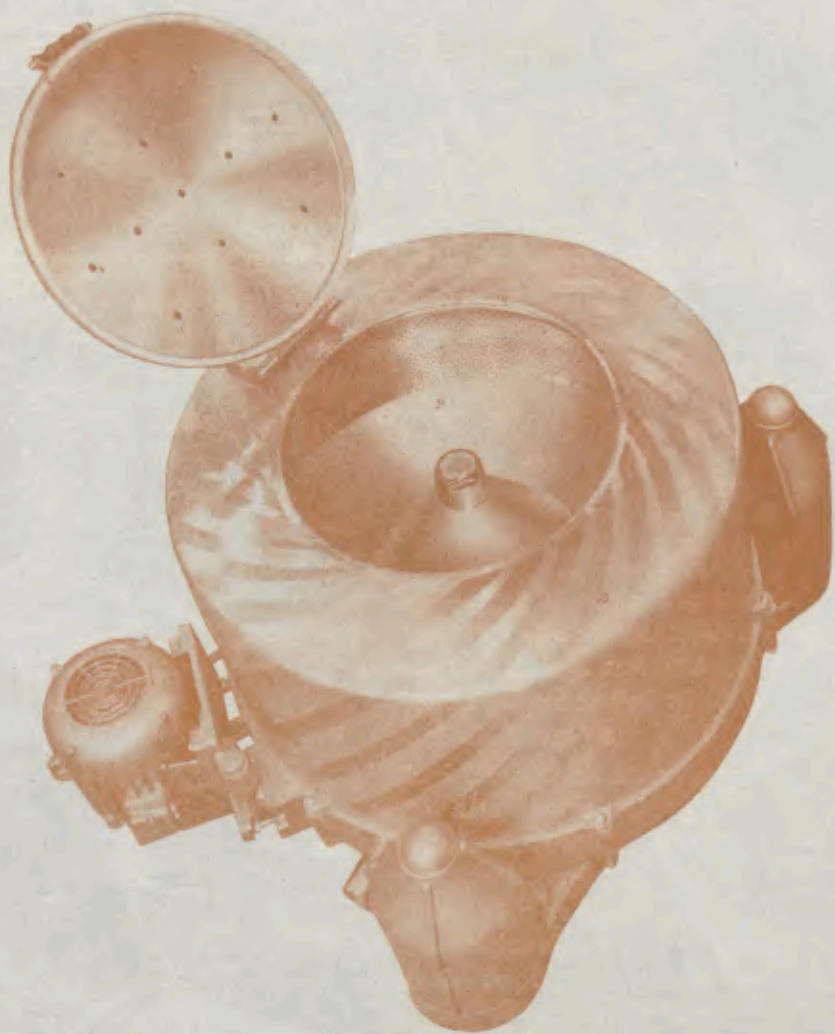
# CONSTRUÇÕES MECÂNICAS

*Júlio Narciso Ferreira de Sousa*

63, Rua dos Bragas, 67  
TELEFONE 26727

PORTO

PORTUGAL



**BRUNCOLOR**



TELEF. 30910

Sociedade de Representações e Comércio, L.<sup>da</sup>

Anilinas e produtos químicos  
para as Indústrias

Rua do Avis, 39-3.<sup>o</sup>-Dt.<sup>o</sup>  
PORTO



**EMPRESA FABRIL DO MORTE, (S. A. R. L.)**

SENHORA DA HORA

ASSOCIA-SE JUBILOSAMENTE ÀS COMEMORAÇÕES DAS BODAS DE PRATA DA TEBE — EMPRESA TÊXTIL DE BARCELOS, (S. A. R. L.), ORGULHANDO-SE DE SER SEU FORNECEDOR DESDE A PRIMEIRA HORA.



## Os Contribuintes e o Fisco

### Legislação (Alterações)

**M**AIS um decreto-lei publicado — o n.º 49483, de 30-12-1969 — alterando várias disposições dos Códigos do *Imposto Profissional*, do *Imposto de Capitais*, da *Contribuição Industrial*, do *Imposto Complementar* e do *Imposto sobre as Secessões e Doações*.

Tiveram já os leitores oportunidade de tomar conhecimento das novas disposições.

A nós cabe-nos, porém, evidenciar nesta secção, com mais pormenores, pontos que interessam aos contribuintes, especificando tais alterações. É isso que tentaremos fazer.

Assim, seguindo a ordem de menção destes Códigos, iniciaremos com o do *Imposto Profissional*:

1. No capítulo da incidência sujeitava ao imposto, segundo a alínea a) do parágrafo 2.º do artigo 1.º, do Código «Os direitos de autor e os de concessão ou cedência temporária de patentes de invenção, licenças de exploração, modelos de utilidade, desenhos e modelos industriais, marcas, nomes e insígnias de estabelecimentos, processos de fabrico ou de conservação de produtos e direitos análogos».

Esta alínea foi reduzida, ficando apenas nestes termos: «Os direitos de autor sobre obras intelectuais». Os restantes factos passaram a ser tributados em imposto de capitais — secção B.

2. O limite anual da isenção era de 18 contos e passou para 30. Podemos então saber que o limite mensal é de 2500\$00 e o diário andarà à volta de 96\$00.

3. Em matéria de taxas, iam de 1 a 7 por cento para rendimentos anuais, respectivamente até 40 contos e até 300 contos. Para rendimentos superiores a esta quantia, aplicava-se a axa única de 8 por cento.

Pela nova tabela há um prolongamento de escalões com progressividade de taxas que vai até 15 por cento para rendimentos anuais superiores a 1000 contos.

4. No que respeita à liquidação do imposto, verifica-se profunda modificação.

Como se sabe, até agora era feita: 1 por cento a liquidar pelas entidades patronais; a restante percentagem estipulada na tabela das taxas, pelas repartições de finanças, se fosse o caso.

Agora devem as entidades patronais fazer o desconto *na totalidade*, conforme as remunerações pagas ou postas à disposição do pessoal e as taxas correspondentes. E, enquanto aquela percentagem de 1 por cento, descontada uniformemente nos proventos, era entregue ao Estado mensalmente, passa agora a sê-lo nos meses de *Janeiro, Abril, Julho e Outubro* de cada ano, relativamente ao imposto descontado no respectivo trimestre anterior. Assim, o imposto a descontar segundo as novas normas no trimestre decorrente, só vem a ser entregue ao Estado em Abril próximo e, como até agora, pela guia m/6.

Para finalizar por hoje no que respeita a imposto profissional, devemos esclarecer que as entidades patronais não devem tomar em consideração, para efeitos de desconto nas remunerações, o caso das *acumulações* de actividades nos termos do artigo 24.º do Código, na relação do Decreto-Lei n.º 45400, de 30-11-1963. Tam-

bém não é de descontar o imposto resultante da aplicação da taxa da contribuição industrial, nos termos do artigo 23.º do Código, na redacção do Decreto-Lei n.º 48700, de 23-11-1968.

Em suma, os descontos para este imposto, a efectuar pelas entidades patronais nos novos moldes, referem-se apenas aos que resultem da *aplicação das taxas constantes do artigo 21.º do Código*, na redacção do Decreto-Lei em apreciação (4983). O imposto devido naqueles dois casos será apurado pelas respectivas repartições de Finanças.

J. V.

### Tabela do Imposto Profissional

RENDIMENTO COLECTAVEL ANUAL

POR CENTO

|                       |    |
|-----------------------|----|
| Até 40.000\$00        | 1  |
| Até 80.000\$00        | 2  |
| Até 120.000\$00       | 3  |
| Até 160.000\$00       | 4  |
| Até 200.000\$00       | 5  |
| Até 250.000\$00       | 6  |
| Até 300.000\$00       | 7  |
| Até 400.000\$00       | 8  |
| Até 500.000\$00       | 9  |
| Até 600.000\$00       | 10 |
| Até 700.000\$00       | 11 |
| Até 800.000\$00       | 12 |
| Até 900.000\$00       | 13 |
| Até 1.000.000\$00     | 14 |
| Mais de 1.000.000\$00 | 15 |

## CINEMA

(Continuação da página 30)

A arte cinematográfica avança adentro das suas possibilidades cada vez mais inesgotáveis.

Mas o cinema só se libertará completamente quando eliminar o que lhe resta ainda do teatro.

Na realização dum filme há, ainda a considerar o seguinte: o conjunto (sistema de equipa), o movimento expressivo, objecto expressivo, o actor e a imagem, o actor e a luz, o operador e a câmara, a câmara e o seu ponto de vista, a câmara e os objectos móveis, o realizador e a câmara, a formação da imagem e, finalmente, o laboratório.

Para o filme ter a plenitude desejada é necessário que seja orientado por equipas especializadas. O colectivismo é imprescindível na realização de qualquer filme. A tarefa global dá esperanças seguras de extraordinárias possibilidades técnicas a que o cinema tem direito.

Um filme é hoje uma fonte de contacto universal a mostrar, cada vez mais, a realidade possível.

## Henrique Calheiros da Silva

Na passagem das Bodas de Prata da TEBE, o corpo redactorial do seu Boletim, não podendo esquecer as provas de amizade, compreensão e estímulo que tem recebido, endereça, ao Senhor Henrique Calheiros os seus melhores cumprimentos e votos de prosperidades na companhia dos que lhe são muito queridos.



Membro do Conselho de Administração da TEBE, e precioso auxiliar do seu Presidente, Ex.mo Senhor Mário Campos Henriques, o Senhor Henrique Calheiros é credor da maior estima e respeito de todos quantos privam de perto com ele, e, por isso, melhor o compreendem.

Eis porque cumprimos o grato dever de lembrar aqui o seu nome, numa simples e sincera homenagem deste Boletim.

### Pensamentos

#### JUSTIÇA

*A injustiça feita a um, é uma ameaça para todos — Montesquim.*

#### MORTE

*A morte abre a porta da fama e fecha a da inveja — Sterne.*

#### PERDÃO

*Vencer e perdoar, é ser duas vezes vencedor — Calderon.*



**M**AIS um Boletim Social da TEBE surge a lume e com características especiais. É que, no presente ano, a Empresa Têxtil de Barcelos, S. A. R. L., comemora o 25.º aniversário — da sua fundação, pròpriamente dito, as «Bodas de Prata».

Se, além da feição industrial para que foi fundada como indústria de malhas, alcançando durante estes vinte e cinco anos uma projecção internacional como uma das maiores empresas da Europa no género, pelo dinamismo e conhecimentos extraordinários do seu Director Ex.mo Sr. Mário Campos Henriques, também noutros aspectos se tornou foco de atenção, nomeadamente nos campos do desporto e da cultura.

Falar um pouco do Desportivo da TEBE e do desporto em geral, é assunto que bem merece ser divulgado após o tempo decorrido, mas com um não sei quê de saudade e mesmo dizendo, desgosto.

Sabe-o bem o público barcelense e até mesmo os desportistas de todo o país, o que foi a acção da secção de «Oquei em Patins», do Clube Desportivo da TEBE, trazendo aos rinqes de patinagem de norte a sul, jornadas empolgantes de entusiasmo, onde se vibrou de verdadeira euforia em despiques cheios de desportivismo e requintes de execução.

Dado foi proporcionar à cidade de Barcelos assistir com interesse extraordinário a campeonatos de Oquei com a participação do Clube Desportivo da Tebe em renhida disputa com o Vitória Sport Clube de Barcelinhos, Oquei Clube de Barcelos, Gil Vicente F. Clube e as melhores equipas de Braga, Viana, Porto, etc. etc.

Porém, estas jornadas que levaram ao Parque da Cidade em tardes e noites de frio ou calor, milhares de pessoas que torciam com amor clubista pela sua equipa preferida, terminaram lentamente, ficando no presente limitadas à acção de dois clubes que praticamente vivem na obscuridade, pela carolice dos seus dirigentes; Oquei Clube de Barcelos e Vitória Sport Clube de Barcelinhos.

Duas razões porém existem que paralelamente levaram ao êxito total de jornadas repletas de entusiasmo e enchentes dos parques desportivos uma, e ao quási

afundamento da modalidade em Barcelos, outra.

A primeira, filia-se a meu ver e certamente na opinião geral, de que a existência de um certo número de clubes intramuros e a rivalidade imposta entre si, levava a uma perfeição de classe e emprego à luta por parte dos praticantes e do apoio incontestável dos seus adeptos. Nesta reviravolta, porém, estava a qualidade técnica dos praticantes, nomeadamente do Clube da Tebe que sempre se apresentava à altura de defender o prestígio da Empresa que publicitava, valorizando, além desta e do desporto, a cidade como possuidora de representantes que a prestigiavam.

Doutro lado e com angústia, vimos o afundamento que aliás presentemente se não processa somente em Barcelos, mas infelizmente em todo o distrito, embora que de cá partisse a influência. Qual a razão deste abandono?!... Creio que resultou da influência do público, esquecendo-se de que o desporto é um meio de educação física e que pode ser uma grande escola de virtudes, apaixonando-o e seduzindo as multidões.

Na realidade, o desporto é o exercício físico, cuja execução assenta essencialmente na ideia de luta, visando o aperfeiçoamento do praticante e o íntimo do assistente a essa luta. Verdade é que, certo público, não encara o desporto como um meio onde o íntimo de cada um é posto à mercê dos seus princípios e do seu semelhante, deixando dominar-se pela paixão clubista exagerada, ao ponto de criticar sem desmerecimento por este ou aquele atleta que, embora, empregando todo o seu esforço, o seu querer e a sua valia técnica, não consegue, involuntariamente, corresponder ao conjunto. Daqui, às vezes, surge a base da derrota da sua equipa preferida, e, sem um mínimo de conceito, vai de uma série de medidas despropositadas e impróprias de algumas pessoas que fora dos recintos desportivos são de carácter excelente, mas aí transigem em prejudicar a equipa por má fé e intencionalmente, em relação à sua preparação educativa.

Abramos um parêntesis para manifestar a nossa opinião sobre o afundamento oquista em Barcelos, e, sem desprestígio para quem quer que seja e para o desportista em geral, se baseou na paixão

clubista, ou até, melhor dizendo, derrotistas de certa parte do público citadino ou rural que, com prazer sarcástico, se voltou de alma e coração a impôr um mal-estar em cada atleta *tebista* e mais pormenorizadamente nos seus dirigentes, pela recepção *degradante* com que a equipa era recebida no parque da cidade.

Será bastante a nossa opinião para culpar o afundamento do oquei barcelense e até mais dizendo, minhoto, a extinção da equipa da Empresa da Tebe e o seu afastamento das actividades oquistas do desporto nacional? Digam-no os mais intelectuais no assunto desportivo, mas, no entanto, nada nos afasta de podermos apontar o desgosto de sermos desportista anti-clubista, para apreciar a luta legal e rija com o único e exclusivo fim de dar às multidões momentos de apuro físico e técnico da modalidade.

Agora que as multidões recebem uma preparação mais cuidada, que sabem discernir o que é a luta desportiva num rinqe ou num estádio, não pensando que assiste a um circo da era romana em que as feras se guerreavam até à morte, é natural pensar-se numa reorganização da classe oquista dentro da Empresa. Nada no entanto está determinado nem planeado, mas uma saudade ficou dentro de alguns elementos que ainda restam dos velhos tempos e que sempre sentiram que as águas moles batendo em pedra dura sempre a haveriam de furar.

É bonito, é naturalmente certo que os elementos que dão o seu esforço no trabalho o dêem também no desporto dentro da Empresa em que trabalham.

Mas quê!! — falei em esforço? Não... Não é esforço algum, porque todo e qualquer desporto requer uma certa preparação física. E, se alguns trinta a sessenta minutos diários ou alternos forem aplicados na classe jovem, eles reverterão para o prolongamento da sua vida física e duradoira, porque a inactividade e o enquadramento estático entre paredes lhes atrofia os órgãos respiratórios, contribuindo para uma vida menos prolongada.

Compreenderão, no entanto, as massas desportivas actuais que a sua acção em nada desmereceu para o desenvolvimento ou afundamento oquista em Barcelos.

(Continua na página 35)

# Página Desportiva

(Continuação da página 34)

Aliás, uma onda de fé clubista se levanta nas hostes do Oquei Clube pelo dinamismo que se denota no querer em tornar coberto o rinque do Parque da Cidade e tanto mais — erguer a modalidade que é a meu ver um requisito de beleza na destreza, na execução e reflexos rápidos de técnica.

Um tanto é necessário inculcar no jovem que presentemente se agarra a actividades que a era *hyppie* lhes proporciona muito alheias à feição desportiva. Há que elementos influentes nas escolas, nas actividades industriais, nos estabelecimentos públicos e na vida quotidiana lhes saiba muito hábilmente transmitir o que é o desporto de competição, os momentos de glória que sentem em cada vitória e também e muito desportivamente a mágoa e poder de melhor cumprir quando o adversário se subleva no resultado final, ao ponto de um simples, sincero e amigo aperto de mão, ser o incentivo para que na jornada seguinte seja o reverso do gesto.

É pena, sinceramente o digo, que dentro das actividades do pelouro cultural da Câmara Municipal ainda se não tenha pensado em promover palestras desportivas para a juventude e até melhor dizendo, procurando fazer reuniões com atletas e pessoas que quasi permanentemente se ligam ou ligaram às suas relações, dando-lhes ânimo, inculcar interesse atlético, a uns, e criar mentalidade directiva, persistência e regular assistência à modalidade a que voluntária e sacrificadamente se dedicam, a outras.

Só em face do entendimento mútuo, do verdadeiro conhecimento do que é o desporto, o que é o atleta dentro do estádio ou rinque, do que e como o público deve interpretar a boa ou má actuação dos seus proveitos, da administração directiva e mais que tudo, do ardor do atleta, no desempenho da função que lhe é exigida em técnica, em esforço e em educação equilibrada com a do público, teremos a noção exacta de que desporto é luta, ministério de acção empolgante de sedução de multidões, em espelho de qualidades educativas externas e internas.

Noutro aspecto, mas pura e simplesmente com sentido publicitário para a Empresa, esteve o Clube Desportivo da Tebe representado com uma secção de ciclismo em algumas Voltas a Portugal, na modalidade.

Recrutaram-se estradistas com renome, chegando estes a cumprirem cabalmente o seu contrato e dando a sua boa vontade e energias para obtenção dos primeiros lugares na classificação, prestigiando a Empresa que publicitavam e a si mesmo como atletas briosos, desejosos de vincula-

Com pedido de publicação inserimos gostosamente a circular da Direcção-Geral de Cultura Popular e Espectáculos.

## DESPORTO E TURISMO

### Assinalável êxito da primeira prova do Torneio das Barragens de Motonáutica

**P**OR iniciativa da Secretaria de Estado da Informação e Turismo com organização técnica da Federação Portuguesa de Motonáutica, iniciou-se a realização do Torneio das Barragens em Motonáutica.

A primeira prova — o Grande Prémio das Amendoeiras em Flor — teve lugar na Barragem do Arade, em Silves, e revestiu-se de êxito absoluto, tanto no aspecto de divulgação desportiva como sob o ponto de vista de promoção turística e social.

Num dia esplendoroso de Sol, em autêntico prelúdio de Primavera algarvia, a prova suscitou interesse invulgar atraindo milhares de pessoas às margens da Barragem do Arade, uma das mais pictorescas de todo o País.

Estiveram presentes, entre outras individualidades, os Senhores Director-Geral do Turismo, Eng.º Álvaro Roquette, em representação do Secretário de Estado da Informação e Turismo; Governador Civil de Faro, Dr. Manuel Esquivel, Presidente da Câmara Municipal de Silves, Salvador Vilarinho, Presidente da Junta de Turismo de Armação de Pêra, de Coronel Santos Gomes, Engenheiro Director da Junta Autónoma dos Portos de Barlavento do Algarve, Eng.º Analide Guerreiro; Presidente da mesma Junta, Dr. José Manuel Teixeira Gomes Pearce de Azevedo; Conde Caria, Presidente da Federação Portuguesa de Motonáutica; Chefe do Serviço de Festivais, Dr. Francisco d'Avillez, Adjunto do Serviço, Dr. Alberto Pelotte, Presidente da Associação dos Regantes, Eng.º Ventura Rodolgo; vereadores da Câmara Municipal de Silves e representantes da Radiotelevsão e da Emissora Nacional e do Grupo Sacor-Cidla, que colaborou excelentemente na iniciativa.

A prova foi dirigida por um júri técnico presidido por Mário Maymone Madeira, da Federação Portuguesa da modalidade estando igualmente presente Mário Gonzaga Ribeiro, Delegado do Serviço de Festivais junto da Federação.

rem para o futuro a sua qualidade de estradistas e homens honrados.

O tempo e as formalidades levaram também à extinção desta secção ciclista, com desgosto também para aqueles que a esta fase de desporto davam o seu empenho.

Adriano Faria

Eis os resultados.

*Classe SD* — 1.º — Florélio Panta 51 voltas, 2.º — Arnaldo Vitória, 45 voltas 3.º — Paulo Passos, 44 voltas e mais concorrentes.

*Classe SE* — 1.º — José Pinto Castelo Branco, 59 voltas, 2.º — António Sousa Pinto 57 voltas, 3.º — W. Sangareau, 52 voltas e mais 5 concorrentes.

*Classe SN* — 1.º — Manuel João Raposo, 64 voltas, 2.º — Francisco Correia, 19 voltas.

*Classe SI* — 1.º — Rui Noronha, 27 voltas.

*Classe ON* — 1.º — Manuel Alves Barbosa, 54 voltas.

*Classe OI* — 1.º — G. Ramata, 50 voltas.

### TURISMO

*Classe TC* — 1.º — António Rodrigues, 14 voltas, 2.º — Amílcar Moreira, 14 voltas.

*Classe TE* — 1.º — Mário Bonifácio, 17 voltas 2.º — Fernando Santos 16 voltas; 3.º — Fernando Moreira, 14 voltas.

### VENCEDORES DO ÍNDICE SPORT E CORRIDA

1.º — Manuel João Raposo (Scuderia de Magos) — 356 pontos.

2.º — Flélio Panta (Clube de Vela Atlântico, Porto) — 310 pontos.

3.º — Dr. José Pinto Castelo Branco (Associação Naval Infante de Sagres, de Portimão).

### TURISMO

1.º — Mário Bonifácio (Associação Desportiva Ovarense) — 146 pontos.

2.º — António Carlos Rodrigues (Lisboa) — 132 pontos.

3.º — Fernando Santos (Lisboa) — pontos.

As provas seguintes do I Torneio das Barragens serão:

No dia 5 de Abril — GRANDE PRÉMIO DA PÁScoa, na Barragem do Caia (Elvas).

No dia 12 de Julho — GRANDE PRÉMIO DE TRÁS-OS-MONTES, na Barragem do Rabagão (Vila Real).

No dia 11 de Outubro — GRANDE PRÉMIO DAS VINDIMAS, na Barragem da Caniçada (Braga).

SOCIEDADE TÊXTIL  
*Manuel Rodrigues Javares, L.<sup>da</sup>*  
FIAÇÃO E LAVANDARIA DE LÃS

Tele) fones: 134-467-615  
 (gramas: COBERTORES

A PARTADO 12  
**GUARDA**

**CARLOS CARDOSO** — Anilinas e Produtos Químicos  
 S. A. R. L.

551, Rua do Bonjardim, 571 — PORTO

Telef. 24955 (4 linhas), 25674 e 26737/8 — Teleg. CARDO



REPRESENTANTES DE:

**J. R. GEIGY S. A.**  
 BASILEIA — SUIÇA

Anilinas, Pigmentos e Produtos Auxiliares

**W. A. Scholten's**  
**Chemische Fabrieken N. V.**  
 FOXHOL — HOLANDA

Produtos especiais para a Encolagem de Fios e  
 Acabamento de Tecidos

# A nossa Noite de Natal

**S**ÃO cinco horas da tarde. Chegou a hora do nosso jantar. Vagarosamente abro a pequena caixa da ração de combate individual. Pego na lata de sardinhas de conserva. Olho-a e volto a olhar. Coloco-a novamente na caixa. Prefiro uma bisnaga de alperce. Tento de novo a lata de sardinhas. Abro-a preguiçosamente. Como uma, depois outra... e termino.

Seguidamente descubro dentro do bornal três bolachas. Mastigo-as. Terminou a festiva ceia.

Permaneço sentado e observo.

O sol parece banhar-se nas águas do lago. Na outra margem, lá longe, a luz do dia vai lentamente enfraquecendo. Doutro lado o céu fica mais azul, depois mais escuro.

A noite corre para junto de nós. Ela vem assustar-nos.

As sentinelas da noite vão reforçar os seus camaradas. Os olhos do dia vão ser matematicamente duplicados.

A chama do dia foi apagada pelas águas do lago.

O silêncio mandou silêncio.

Agora é noite.

A noite chegou não para dormir. Na terra da paz veio para premiar o trabalho do dia. Aqui veio para prolongar o dia. Este começou quando para outros terminou.

Surgiu a hora de abrir bem os olhos. Não podemos dormir, teremos que ser rápidos e decididos.

As horas caminham e uma voz que só cada um ouve, diz: Não fumes. Não fales. Não tussas. Não durmas.

A natureza não pode ser perturbada. Ela indicará a nossa presença. Respeitemo-la. Entretanto os insectos da noite conversam. As aves passeiam e os animais caçam.

Todos colaboram porque se comportam normalmente. Não nos denunciam.

A noite não pára.

Estou dobrado. Dobrado pelos joelhos, pela cintura e pelo pescoço. Por vezes desdobro o pescoço e sustento a cabeça. Os olhos responsáveis percorrem as árvores porque nelas estão as sentinelas. Soldados com a cor da própria noite. Eles são troncos que vigiam.

De repente... algo se agita. Todos olham o local onde a folhagem tremeu. A terra estremeceu connosco. Os corpos ficam tensos. A respiração quase que termina — Esperamos uma visita — Os minutos não andam, não andam. Os olhos ora se fixam terrivelmente ora se agitam receosos. Um soldado examina atentamente e por fim descontrai-se. Os outros imitam-no. Ninguém chegou.

Espreitámos toda a grande noite.

Mas... ninguém veio, ninguém.

E a noite passeia, passeia... sem pressa, pesadamente.

— Por fim o dia venceu a noite e a luz apareceu.

Deste modo foi a nossa Noite de Natal.

Nem o menino Jesus veio. Nem ELE!... Não colocou nada nas nossas botas enlameadas...

Nós também não descalçamos as botas duras... Nós não tínhamos chaminé, nem lareira, todavia ELE enviou-nos a PAZ. A paz da Noite de Natal.

V. P.

## BODAS DE PRATA DA TEBE

25 ANOS DE TRABALHO

**J**Á muito se escreveu à cerca da TEBE, já muito se disse da sua organização, mas ainda falta muito por dizer.

### MALHAS TEBE

Distintas em todas as ocasiões.

Não seremos nós, por certo, que iremos dizer tudo, até porque não teríamos bagagem para tal.

O que diremos então? O que já foi dito? Nada disso! Diremos, apenas aquilo que sentimos, sem peias, sem rodeios, mas firmemente.

Os vinte cinco anos que passaram foram todos de trabalho árduo, ciclópico por vezes, mas esse trabalho foi caldeado sempre nos limites dum equilíbrio aparentemente humano.

A TEBE prosperou. Hoje é uma unidade industrial que se impõe entre as melhores da Europa.

Orientada por uma técnica válida de fabricar cada vez mais e melhor, tem conquistado os mercados nacionais e estrangeiros e, por esse facto,

imposto os seus artigos com geral aceitação.

A TEBE renova e actualiza as suas criações dentro das emergências da vida hodierna.

A sua grande gama de artigos só é possível graças ao poderoso equipamento, periodicamente actualizado, podendo competir em padronagens e preços.

Tudo isto só é assim devido a um

### TEBE!

Um nome cada vez mais português.

grande poder directivo e a uma intuição especial.

Creio eu que um orientador industrial tem de conhecer a psicologia do povo, isto é, deve saber o que o povo pensa, o que compra e quando compra.

Ninguém ignora que a apresentação do artigo tem um efeito psicológico imensamente grande.

Uma camisola de qualquer referência, de qualquer fibra, de qualquer tamanho, mal embalada, não tem de

certo modo, a aceitação da mesma camisola primorosamente acondicionada.

É óbvio que entre 3 compradores, dois reagirão pela mesma camisola bem embalada.

Estes pequenos pormenores, aliados a uns tantos de natureza idêntica, completam uma série de exigências de que o grande público, por vezes, não se apercebe.

A camisola que se veste é uma sinfonia de trabalho, de imenso labor e, por esse facto, tem a sua história.

Que a conte integralmente quem for capaz.

Eu fico-me por aqui.

A administração da TEBE tem um programa para festejar os seus 25 anos.

### TEBE!

O símbolo das melhores malhas.

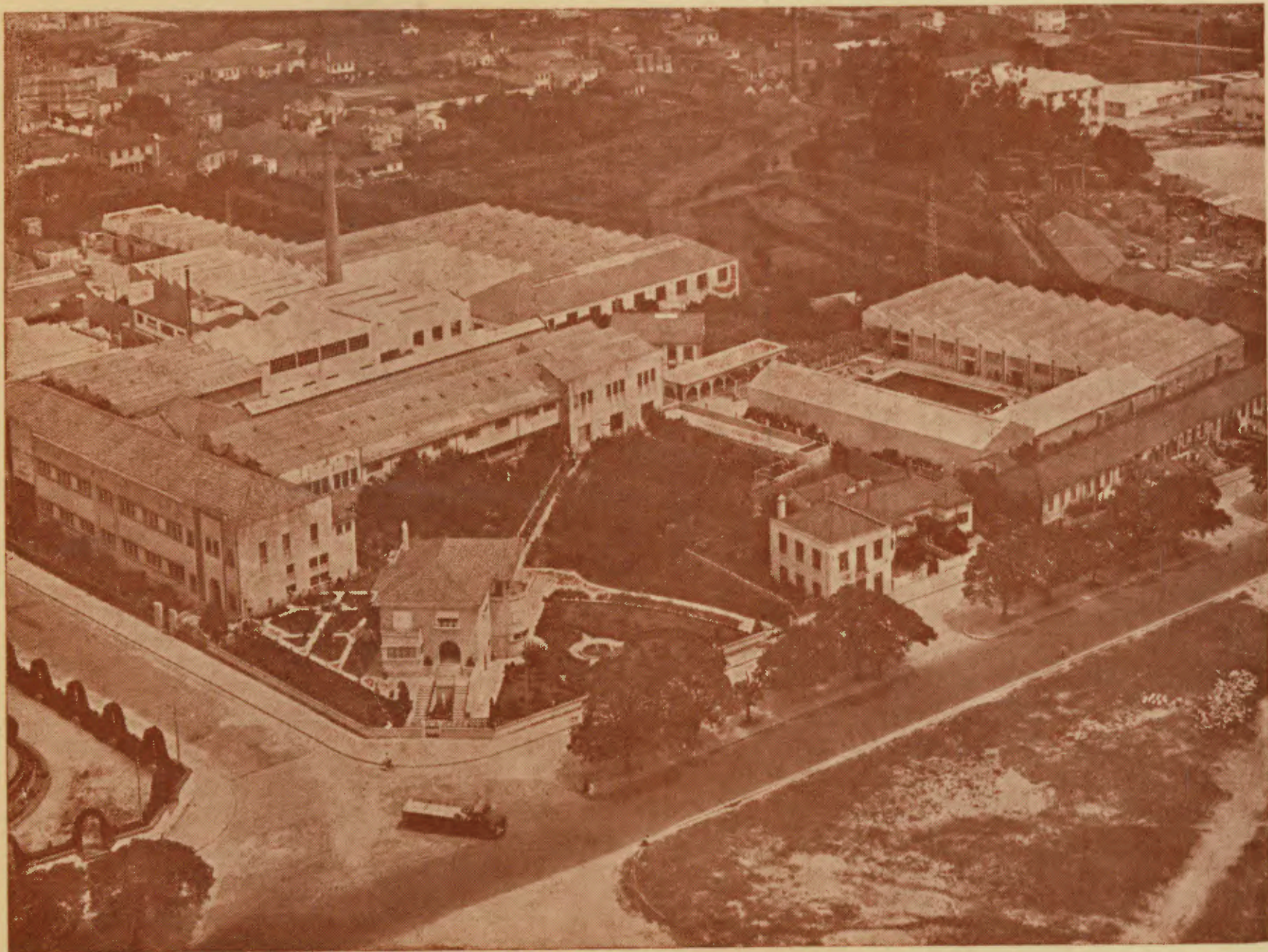
Saibamos aguardar, e oxalá que uma nova aurora brilhe também para alguns menos bafejados pela compreensão.

São os nossos últimos votos.

# A Empresa Têxtil de Barcelos, S. A. R. L.

Fábrica de Malhas «TEBE»

Honra a indústria nacional, mercê do alto nível dos seus conceituados artigos



Esta modelar unidade fabril tem um artigo para cada gosto, um corte para cada corpo, um padrão para cada exigência... Eis o grande virtuosismo das inconfundíveis malhas TEBE.

A senhora elegante exige malhas TEBE. A senhora distinta só usa malhas TEBE. A senhora que trabalha adora as malhas TEBE.

O homem de estado, o médico, o advogado, o engenheiro, o industrial, o comerciante, o estudante, o trabalhador, enfim, todos, procuram nas malhas TEBE a distinção e o bom gosto aliados a um preço sem confronto.

Não é exagero dizer-se que, onde há um indivíduo, há malhas TEBE. Eis o valor substancial de uma das melhores malhas do mundo... as malhas TEBE.

## Fábrica de Malhas «TEBE»

BARCELOS — PORTUGAL